Rev. J03 103

CINE-JORNAL

ANO I — N.º 1 — 21 DE OUTUBRO DE 1935 DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO 16 PÁGINAS — PREÇO 1$0

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

PLANO DE CONJUNTO

Cine-Jornal publica hoje o seu primeiro número. E, como é da praxe, e dever que gostosamente cumprimos, vai expor, aos leitores, o seu programa — ainda que, nos tempos que vão correndo, valham pouco as promessas, e pesem mais as realidades, que se possam verificar ràpidamente...

Cine-Jornal pretende ser, acima de tudo, uma revista feita para o público, uma revista que lhe possa proporcionar algumas horas de distracção, com interêsse em tôdas as suas páginas e com um aspecto gráfico que a não desmereça num cotejo com publicações estrangeiras.

Será imparcial, defenderá o cinema português, sem para isso necessitar de amesquinhar o cinema estrangeiro. Procurará orientar tôdas as boas vontades no sentido do bom senso e da razão. Em face dos filmes nacionais, não será optimista até o delírio, nem pessimista até o ponto de negar a existência dum cinema português, que se vai afirmando e criando características próprias, e que redime muitos dos seus erros com a soma de boas-vontades que tem congregado, e com as provas já prestadas em vários filmes, alguns dos quais de inegável mérito.

O Cinema atravessa uma hora grave, filha da crise geral com que todos se vêem a braços. Entre nós, a indústria, no que toca à distribuição e exploração de filmes, ressente-se das suas conseqüências. *Cine-Jornal* procurará, na medida do possivel, colaborar numa melhoria dessa situação, e debaterá, nas suas colunas, todos os problemas, da resolução dos quais depende a vida da indústria, entre nós.

O cinema educativo, velha aspiração de alunos e professores, que ainda não pôde ser tornado uma realidade — pelo menos com a expansão e a eficiência que nós sonhámos — merecer-nos-á também o maior carinho.

Cine-Jornal pretende ser uma revista popular, sem descer ao provincianismo, e, por isso, como característica dominante, quere ter um cunho literário e artístico, que a distinga em qualquer parte e que a imponha pelos seus próprios méritos.

Organizará concursos, fará inquéritos, proporcionará aos seus leitores «matinées» gratuitas — mas sempre com a preocupação de lhes imprimir outras características, que não sejam aquelas, puramente comerciais e especulativas — que presidem, em regra, ao lançamento de iniciativas congéneres.

Cine-Jornal, esboçado êste plano de acção, aguarda serenamente o «veredictum» do público, certo de que avaliará a soma de esforços e boa-vontade, que o tornaram possível — num meio árido e difícil, como o nosso!

Ana Sothern, que vamos ver em Kid Millions, *ao lado de Eddie Cantor*

Juizos... desarrazoados...

Phillip Moeller, que dirigiu *Corações Desfeitos*, recebeu, há alguns anos, quando dirigia o Theatre Guild, em Nova York, a visita duma rapariga, que disse chamar-se Katharina Hepburn, e que pretendia fazer teatro.

Phillip Moeller olhou-a, e despediu-a com tôda a amabilidade:

«Não pense nisso, menina! Tem uma côr tão saüdável. Volte para o campo: o teatro não é para si!...»

Durante as tomadas de vistas de *Corações Desfeitos*, Katharine Hepburn, quando pretendia qualquer coisa, dizia-lhe: «Volte para o campo!»...

E o pobre Phillip Moller còrava até à raiz dos cabelos...

RENÈ CLÁIR
errou...

Há três anos, René Clair, então o mestre incontestado do fonocinema europeu, escrevia no *Temps:*

«Chaplin só tem dois caminhos a seguir: enveredar pelo cinema dialogado ou então retirar-se! Em qualquer dos casos — é um artista com que nunca mais se pode contar».

Chaplin acaba de realizar um filme, de que dizem maravilhas. Continua a ser o artista genial de sempre — e *não fala*, em cena alguma.

Como são faliveis os juizos de Cassandra!...

CHAPLIN, comunista...

O novo filme de Chaplin não tem, como a principio se disse, tendências sociais, mas satiriza alguns factos correntes na vida de certos povos...

Assim, a certa altura do filme, Charlot foge da fábrica onde trabalha. Salta para uma camioneta em andamento, e para isso agarra-se a um pano vermelho, que dela pende. Consegue trepar para cima do veículo, com o farrapo nas mãos.

Numa das ruas, encontram-se centenas de operários. São os grevistas de determinada fábrica. Ao verem Chaplin, de pé, com a bandeira (?) vermelha, desfraldada ao vento, tomam-no como agitador, elegem-no chefe!...

E Chaplin, o burguês, o pacato, o humanissimo Chaplin — é depois perseguido como um perigoso revolucionário...

CINEMA
síntese das artes

«O cinema é uma Arte?». É, sem dúvida. «O cinema é uma Arte incompleta?» É, sem dúvida. E é uma Arte incompleta simplesmente porque o cinema é a síntese das Artes, simplesmente porque o cinema é a Arte das Artes.

O cinema neste momento é, ou melhor, pode ser, ùnicamente o conjunto da Arte Fotográfica, da Arte Teatral, da Arte de Dizer, da Arte Literária, da Arte Musical... tudo isto reünido com Bom Gôsto, Beleza, Mocidade e Estética.

Quando o cinema colorido — de que já temos visto ensaios curiosos — estiver aperfeiçoado, e quando o cinema em relêvo fôr um facto, ficamos possuindo a Arte síntese das Artes.

Por enquanto, está incompleto.

O cinema, além de vir a ser a Arte das Artes, será a primeira das Artes, debaixo do ponto de vista prático.

No futuro, os papéis instrutivo (como divulgador precioso de tôdas as ciências), educativo (moral e socialmente) e evocativo (facilidade de sobreposições, intercalações, etc.), serão largamente estudados de forma a terem um aproveitamento lato e eficaz.

Há ainda o cinema debaixo do ponto de vista comercial...

Mas abandonemos tal aspecto.

Interessa-nos, neste artigo, ùnicamente, o cinema Arte, o cinema como educador da sensibilidade artística — o cinema das minorias.

O cinema será CINEMA quando tiver relêvo, côr, música, teatro, paisagem, movimento, costumes, mocidade, literatura, poesia, boa cenografia, curiosos aspectos arquitectónicos, mobiliários, decorações, tudo inteligentemente unido pelo muito falado ritmo cinematográfico. O cinema será, então, o Espectáculo-Arte.

O cinema não é a Arte do Silêncio pelo simples motivo do cinema silencioso ter sido o primeiro passo da Arte cinematográfica. Pela mesma razão, o cinema que nós vemos actualmente não é ainda a Arte cinematográfica.

Além disto, muitas das Artes ganham com a sua transposição para a tela. Por exemplo: o teatro, em movimento e em poder espectacular; a música, em poder descritivo...

Mas, preguntarão: muitas dessas Artes depois de transplantadas para a tela, não perdem algumas das suas características, grande parte do seu valor individual e do seu realce? É claro que o englobamento aniquila muitas das características individuais de cada uma das Artes, mas a [illegible] do Cinema, não impede, em nada, que elas continuem a possuir a sua vida autónoma.

Foi por isto que chamei ao Cinema a Síntese das Artes.

TELMO PELGUEIRAS.

Nas praias idílicas da Califórnia, as «girls» divertem-se...

O senhor de Crovenay faz concorrência ao homem invisível

Quando seguiam em *tournée* teatral, o actor Walter Huston e a vedeta dos palcos Robert Edmond Jones, esgotados todos os assuntos de conversa, resolveram inventar um nome, para se divertirem um pouco, intrujando todos com êle. E, após algumas controvérsias, designaram o de «Crovenay».

Na primeira estação, os nossos amigos desceram na *gare* e interrogaram um «cow-boy», que dormia com a cabeça sôbre o dorso dum cão.

— É um Crovenay, não te parece?

Walter interrogou o «cow-boy»:

— Êsse cão é um Crovenay, não é verdade?

O interpelado coçou a cabeça e respondeu:

— A mãe não era. Mas o pai era dessa raça — e puro! Posso-lhe jurar.

Nova paragem.

Desta vez, os dois amigos dirigiram-se à cantina e preguntaram:

— Tem melões Crovenay?

— Que pena!... Acabei mesmo agora de vender o último! Mas olhe que tenho aqui outros que não são nada inferiores.

Em Paris, Robert Jones declarou aos «reporters» que ia ter a Saint Moritz com os duques de Crovenay, e que partiam, depois, para Cannes.

A nova foi reproduzida nas secções mundanas de todos os jornais parisienses.

Jones pregou mais partidas — sempre com o melhor dos resultados...

Regressou a Hollywood.

A fôrça de tanto falar neles, chegou a convencer-se de que os Crovenay existiam. E mandou fazer um letreiro, onde se podia ler «M. de Crovenay» e tratou de o afixar no camarim ao lado do seu.

Tôdas as vezes que um maçador o apoquentava, Jones lamentava-se:

— Que pena não estar cá o sr. de Crovenay. Êle é que sabe de tudo isso... Olhe... quere ver? Não está cá... Êste — e apontava o camarim onde, prèviamente, batera à porta — é o único sitio onde o pode encontrar.

Agora a notícia: os Crovenay vão-se estrear na tela. No seu novo filme. Miriam Hopkins aponta um quadro e diz:

— O duque e a duquesa de Crovenay.

Jones apropriou-se do quadro. E tem-o, no seu quarto, com o letreiro «Phillip Crovenay, 1727-1793».

Alguns, mais interessados, preguntam:

— É o seu avô?

— Não... É Philip de Crovenay! Tôda a gente os conhece — os Crovenay...

Raul Roulien casou com Conchita Montenegro

Raul Roulien, o simpático actor brasileiro, casou, em Espanha, com Conchita Montenegro, e partiu já para Hollywood, onde possivelmente se celebrará a cerimónia religiosa.

Êste idílio, que há muito se mantinha, teve, desta forma, um «happy-end», a contento dos seus admiradores.

ENTREVISTAS RÁPIDAS

Porque gosta de Hollywood?

«Porque, se o nosso marido entornar qualquer coisa na toalha, podemos requerer o divórcio com êsse fundamento...»

Mona Barrie

«Porque podemos deixar tôda a noite o aparelho de T. S. F. a tocar, e porque ninguém multa os mortais pelo facto de tocarem trombone de varas, às seis da manhã».

Rosemary Ames

«Porque as mulheres se vestem de tal forma pelo figurino dos homens, que, na rua, nunca sabemos se devemos tirar o chapéu ou oferecer um cigarro aos interlocutores.

James Dunn

«Porque as mulheres se decotam e se cobrem de sedas e arminhos para um chá e os homens aparecem como se tivessem acabado de limpar os automóveis.»

George Brent

«Porque, no talho, quando compro uma perna de carneiro me dizem logo que Greta Garbo acabou de fazer compra idêntica!»

Jane Darwell

«A captura de Tarzan»

Depois de *Tarzan, o Homem Macaco* e de *Tarzan e a Companheira*, vamos ter *A Captura de Tarzan*, filme de que são intérpretes Johnny Weissmuller e Maureen O'Sullivan, e que se realiza afanosamente em plena selva... da Cinelândia.

Trata-se duma obra realizada nos moldes das precedentes, e que incluirá maior número ainda de «clous» e de cenas «à sensation».

Depois das lutas de Tarzan com o crocodilo, o rinoceronte e os leões, dos seus inverosímeis saltos de árvore para árvore, dos arriscados exercícios em trapézio volante, parece-nos difícil haver algo, mesmo nos domínios da fantasia, que exceda tais passagens.

Mas devemo-nos lembrar que os recursos do cinema americano e os da imaginação dos seus técnicos são inesgotáveis — para aguardarmos com ansiedade o terceiro Tarzan, que se anuncia.

Pobre Douglas!

Lemos, há dias, a seguinte notícia:

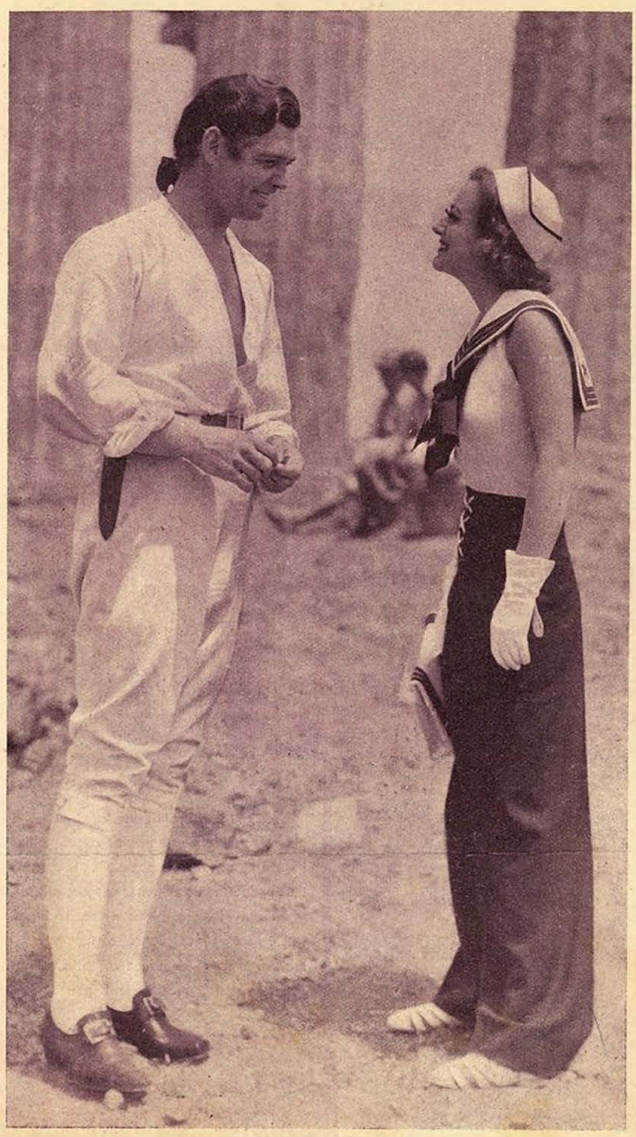
«Pela primeira vez, no *Anjo das Trevas*, vamos ver Merle Oberon ao lado dum artista americano — Frederich March.

«Com efeito, ela contracenou sucessivamente, com Charles Laughton e Leslie Howard, ingleses, e com o francês Maurice Chevalier, na versão americana de *Follies Bergère*».

E, então, a *Ultima Aventura de D. Juan*? Não apareciam lá, lado a lado, Merle Oberon e Douglas Fairbanks Sénior, que nos acostumámos a considerar como 100 por cento americano?!... Desnacionalizou-se?... Ou «morreu», após a sua «última aventura»?

O mais cruel de tudo isto é que o *Anjo das Trevas*, assim como a *Ultima Aventura de D. Juan*, foi distribuida por os *Artistas Unidos*, a firma de que o próprio Douglas, com Sam Goldwyn, Charlin Chaplin e Mary Pickford, foi fundador.

Se é duro ficar esquecido, mais dura é a ingratidão...



Clark Gable e Joan Crawford, os dois amantes de tantos filmes, encontraram-se, há dias, na ilha Catalina durante os trabalhos de filmagem de Mutiny in the Bounty e Glitter, filmes de que são, respectivamente, os protagonistas

NOTICIAS DE TODA A PARTE...

«Miss» Universo de 1935 não quere nada com o cinema

«Miss Universo 1935», de passagem em Paris, declarou aos «repórteres» que não tencionava aparecer no palco ou na tela:

«Vivo tranqüila, feliz, na minha casa em Ramleh, uma praia cêrca de Alexandria. Meu Pai é uma pessoa muito considerada — e temos uma roda de amigos com quem nos divertimos a valer. Sou uma fiel adepta do desporto, e pratico-o, em várias modalidades. Que mais posso desejar!»

«Miss Universo» tem razão para não estar muito contente com o cinema. Há pouco tempo, quando não era mais do que a «Miss» Egipto, sofreu um desastre que a impediu de tomar parte num concurso de beleza. Trabalhava num estúdio, e caiu tão desastrosamente que se feriu no rosto, profundamente.

Mas o cinema egipcio organiza-se. Constroem-se estúdios. E não nos custa a crer em que, daqui a algum tempo, vejamos a linda Charlotte Vassel, «Miss Egipto», e, hoje, «Miss Universo 1935», na primeira fila das «estrêlas» do cinema do seu país!

«Broadway-Bill», protagonista dum novo filme

O fotogénico puro sangue «Broadway-Bill», que vimos em *Derradeira Vitória*, vai ser o protagonista dum novo filme que focará o meio agitado do «turf».

Além dum cão e dum papagaio, terá, como parceiro, um galã muito conhecido, que desta vez tem que se resignar ao desempenho dum papel secundário.

Morreu Dranem

Com 66 anos, e após duas intervenções cirúrgicas, morreu Dranem, um dos mais populares e mais completos cómicos do cinema francês.

Dranem — anagrama do seu verdadeiro nome, Ménard — era grande oficial da Legião de Honra, e um dos mais célebres e mais estimados comediantes do seu tempo!

A Propaganda de Portugal, tal como é e como deveria ser feita

Ir ao cinema, é ir espreitar o mundo pelo buraco da fechadura.

ANTÓNIO FERRO (Teoria da Indiferença, 1.ª ed., 1920).

TODOS os anos — é fatal — aparecem nas primeiras páginas dos nossos quotidianos, sempre em evidência, vários telegramas referindo-se a artigos de jornais estrangeiros, que informam os seus numerosos leitores de haver nos camarins diplomáticos largas negociações para arrancarem à secular soberania portuguesa os seus mais ricos e vastos domínios.

Os motivos apontados são sempre os mesmos: que a Alemanha, na impossibilidade de reinvidicar as suas colónias, perdidas na Grande Guerra, exige a dos outros; que a Itália, pelo Duce, militarizada e fortalecida com os mais modernos e variados engenhos de guerra, e sonhando *aequo ânimo* com as glórias longínquas de Júlio César, pretende, de novo, alastrar-se pelo mundo, etc.

E o curioso é que, quer uma, quer outra, julgam-se no direito de apoderar-se daquilo que é muito nosso, a troco de concessões a que somos estranhos.

Mais acentuam, a todo o instante, êsses senhores, que o Grande Império Português tem terreno a mais para tão pouca gente, e que a nossa administração colonial é abstrusa e descuidada.

Outras vezes, e estas mais a miúdo, aparecem notícias elucidando-nos de que o jornalista X, quási sempre francês, pensa que Lisboa ou Pôrto são cidades espanholas!

Como tudo isto é, simplesmente, lamentável!

* * *

— Que algumas nações ambiciosas e fortes na sua base, pretendam, de fé púnica, ingorgitar-se à nossa custa!... (Portugal é pequeno no continente e, por isso, inerme para o seu vasto império colonial. Daí a prepotência das nações fortes): que haja jornalistas, lá fora, que ignorem o Pôrto, terra que dá um dos vinhos de maior fama internacional, e Lisboa, capital dum país de largas conquistas, escala importante de navegação, e ainda não há muitos anos popular pelas constantes revoluções — não sejam em Portugal! Vá!... A culpa não é totalmente, nossa. E digo: *totalmente*, porque nos deixamos, pela nossa negligência, esquecer. Sofremos, pois, as conseqüências.

Mas que no estrangeiro ainda se desconheça a gradual evolução que se vai operando nas nossas colónias... Isso, não!... A culpa é nossa, muito nossa, exclusivamente nossa. E cabe, portanto, a sua responsabilidade à incompleta, imperdoável e injustificada forma como fazemos a propaganda de Portugal, no estrangeiro.

Um livro, dois folhetos, com ou sem bonecos, três artigos de pessoas célebres, quatro viagens, etc., é melhor que coisa nenhuma — mas ainda muito pouco e a não valer, possivelmente, em resultados para o País, o valor proporcional ao seu custo.

Quanto a nós, interessante seria que essa propaganda fôsse permanente e visual, arrancada ao vivo, cinematográfica. Fixar-se-ia melhor e seria espalhada com maior facilidade e mais proveito por todo o mundo.

* * *

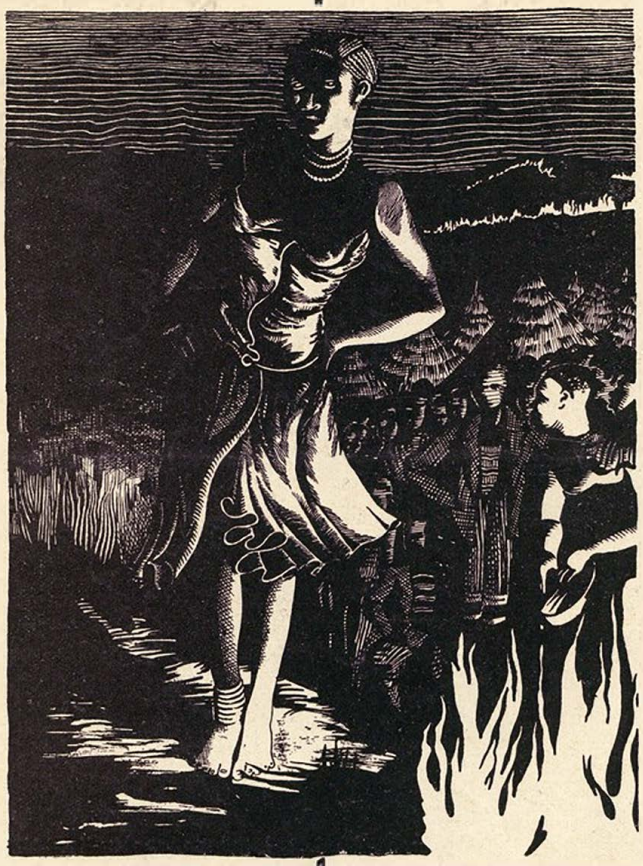
Já repararam, caros leitores, que raríssimas vezes se topa com o nome da nossa terra em letras iluminadas numa tela?! Que nunca se viu, que saibamos, nas salas de além fronteiras, projectado pelas «actualidades» *Paramount*, *Fox*, *Eclair* ou *Ufa* — as únicas que percorrem, semanalmente, as cinco partes do globo — quaisquer paisagens, cantares, danças, músicas, tipos, colheitas, indústrias, em suma, tudo que é indígena das nossas grandes possessões de África ou característico na Metrópole?

Porquê?

Sim, por que não aproveitamos, como tantos outros países, o cinema para fazermos desta arte de divertimento popular um meio de propaganda e educação?

Por que não criamos, a tudo que é nosso, um ambiente que nos valorize a cada passo?

A fôrça emotiva dêsses quadros, quando com arte e sabedoria realizados, e com cuidado e inteligência distribuídos, ultrapassaria — estamos certos — tôda a intriga dêsses maldizentes, e, graça a êles, alguma luz se



projectaria por êsse mundo fora sôbre o trabalho gigantesco feito, nêstes últimos anos, em terras de Portugal.

Mas, infelizmente, teimam em não mostrar interêsse na forte propaganda pelo cinema, por mais que se lhes aponte o mal dessa indiferença.

Que fazer?

Lá esgrimir contra moinhos de vento... não!

VITOR LOPES.

O GRAVE PROBLEMA DOS FILMES COLONIAIS

VOLTO hoje a referir-me aos documentários coloniais, mas, desta feita, ampliarei um pouco o tema, para realçar a vantagem de se juntar o útil ao agradável e, assim, tornar aqueles documentários um pouco mais do que simples espectáculos de deleite, apresentando-os de forma a servirem para educar.

Freqüento a Escola Superior Colonial, onde já se nos mostram alguns metros de celuloide, impressos nas nossas possessões ultramarinas, destinados a documentar aspectos da sua vida. Na sua maior parte, nesses filmes, o interêsse é apenas geográfico; por vezes, não muitas, a economia e a etnografia ocupam o primeiro plano: e, em geral, pouco mais se adianta... O assunto é mal explorado e, portanto, os documentários têm um valor muito relativo.

* * *

Por outro lado, é necessário tomar-se em linha de conta que nem sempre se filma expressamente para exibições em escolas ou em centros de cultura colonial. Pelo contrário, é vulgar ter-se em vista apenas o interêsse comercial, isto é: Por isso, o documentário, que o aluno da escola e o interessado por assuntos coloniais admiram, como estudiosos, é, quási sempre, uma produção realizada apenas com intuitos comerciais.

Em parte, o facto compreende-se mas seria de aconselhar que se imprimisse uma orientação definitiva a êsses filmes, uma vez que não é possível obter das fracas dotações orçamentais das entidades, incumbidas, dessa missão, o suficiente para produzir filmes destinados exclusivamente às escolas. Dessa maneira, poderia o govêrno promulgar um diploma que regulasse o modo como deveriam ser feitos, de futuro, os documentários coloniais — e aplicasse sanções aos que se apresentássem, inferiormente, com o fim único de especular.

Nesse diploma, estabelecer-se-iam: uma metragem mínima e suficiente, uma tabela de assuntos, uma orientação e o mais que devesse ser, de forma a provocar um trabalho útil e homogéneo.

Convenço-me de que o interêsse comercial não deminuïria e de que resultariam benefícios, sob o ponto de vista educativo.

Por outro lado, os governos das colónias, dentro das suas possibilidades que não são poucas, cuidariam de auxiliar o produtor e, ao mesmo tempo, de o fiscalizar, evitando os atropelos à lei. De resto, à Inspecção Geral dos Espectáculos caberia seleccionar o trigo do joio...

* * *

Numa lista de assuntos, organizada com critério, poder-se-iam até sugerir, ao realizador, motivos interessantes, como, por exemplo, esclarecer, definir e revelar aquilo que em geral, se ignora, por falta de cultura colonial.

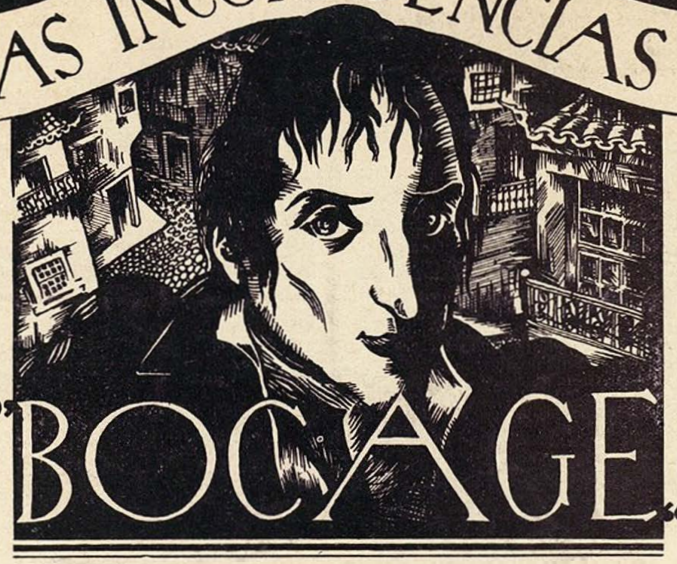
Prevista a qualidade dos documentários, como elementos de estudo, as relações de assuntos são de alto valor. Por isso, ao catalogar os motivos, seria possível agrupá-los por forma a criar-se, numa cinemateca colonial, secções de etnografia, de economia, de propaganda de turismo, de colonização, de geografia, etc. As secções poderiam ser muitas e, dentro de cada uma, inúmeros assuntos.

Um trabalho desta natureza seria proveitoso — nos legítimos interêsses da cultura geral e da Arte Cinematográfica.

RAÚL FARIA DA FONSECA

(Desenho do autor).

ALGUMAS INCONFIDÊNCIAS SÔBRE "BOCAGE"



● que vai ler-se representa uma pequena traição... Mais ainda: um abuso de confiança... Quando Leitão de Barros, numa roda de amigos, falou sôbre «Bocage», não esperava, certamente, ver reproduzidas as suas palavras em letra de fôrma. Ouvimo-lo falar do seu filme. Escutámos pormenores curiosos, ainda inéditos. E achámos que seria crime desprezar matéria tão susceptível de interessar verdadeiramente os nossos leitores!

Que Leitão de Barros nos perdoe a inconfidência e a tome como uma homenagem de «Cine-Jornal» ao seu talento de realizador.

Linha geral...

Em primeiro lugar: Porque se vai fazer *Bocage*? Porque se envereda, novamente, pela realização de filmes de carácter histórico?

Leitão de Barros tem ideias, claras e precisas, sôbre o assunto. O problema do cinema nacional é grave e complexo. Portugal, país pobre de vedetas, luta contra a falta de actores *cinematográficos*, para a realização de certos filmes. Fora do teatro, não temos uma vedeta, capaz de desempenhar com brilho um papel de responsabilidade. E dentro do teatro há talentos que se podem aproveitar para a tela, mas dentro de certos limites, que a sua condição de vedetas teatrais impõem. Resumindo: se quisermos fazer uma comédia estilo Anny Ondra, ou um drama género *Fatalidade*, temos que desistir — porque não há artistas que possam suportar a responsabilidade dos papéis das figuras centrais.

Os espanhóis, quando pensaram em resolver o seu problema do cinema nacional — enveredaram, erròneamente, por êsse caminho. Procuraram descobrir Gretas, Marlenes, Gables e Gary Coopers entre as *modistillas* de Madrid e os *mozos* de Espanha — e falharam estrondosamente! É que para se ser Marlène não basta ter, como ela, cara angulosa, as faces encovadas e aquele fatalismo latente estampado no rosto. Há que ter, sobretudo, a chama sagrada do talento, uma personalidade definida e bem marcada. E é por isso que, até agora, não apareceu mais nenhuma artista que a suplante, no mundo inteiro...

Raça! Raça! Raça!

Como devemos então resolver o nosso problema cinematográfico? De que características devemos procurar revestir os nossos filmes? Leitão de Barros é de opinião de que devemos impregná-los de Raça! Procuremos em Portugal, na paisagem, nos costumes, nos assuntos, tudo quanto fôr cinematogràficamente belo. Façamos filmes portugueses, mas castiçamente portugueses. Filmes que, sem serem regionalistas ou bairristas, sejam profundamente nacionais, nos conflitos, no quadro, na acção, nos sentimentos dos personagens.

Bocage terá estas características rácicas, dentro duma fórmula de espectáculo inteiramente nova.

A razão de ser de «Bocage»

Porque motivo se escolheu, para realizar, já, o tema dos amores e da vida de Bocage? as razões são multiplas, de ordem artística e de ordem comercial. Mas entre elas avulta o facto de estar de pé a Lisboa Antiga, que será aproveitada integralmente, e de existir o riquíssimo guarda-roupa, bem como o famoso coche da Embaixada do Século XVIII, de inapreciável valor, que terão também «o seu papel» no novo filme.

A Lisboa Antiga é um cenário admirável. Custou 800 contos para se erguer em tôda a sua magestosa beleza! Seria um crime desprezá-lo. Cenários assim, não se podem construir para um filme apenas. E está ali uma cidade autêntica, onde se podem filmar tôdas as cenas de rua, sem sair dos muros que a circundam.

Alguns «clous» do filme

O filme será, sobretudo, uma deliciosa evocação de Lisboa do Século XVIII. Dentro dêste quadro, pitoresco e romântico, recortar-se-á a figura de Bocage, na sua mocidade.

Um dos «clous» será, sem dúvida, a reconstituïção do pôrto de Lisboa, nessa época. Ante os olhos do espectador atónito, desfilará o cenário magnífico do Tejo, com a Tôrre de Belém, as naus, etc. E depois, num «travelling» formidável, perpassará, em visões rápidas, tôda uma cidade que que palpita — estuante de vida.

Mil figurantes, dentro da Lisboa Antiga, tornarão uma realidade — o que todos julgarão um sonho.

Bocage, como todos sabem, foi oficial de Marinha. Muitas cenas, desenrolar-se-ão, pois, a bordo da fragata «D. Fernando».

E o filme incluirá, possìvelmente, um côro de marinheiros, nas vêrgas e mastareus (para o que se aproveitarão os marinheiros da Sagres), côro que se extingue, para se reanimar, de novo: E então é Bocage que, à frente dos seus soldados, marcha ao som do côro, pelas ruas ensoalhadas de Lisboa em festa!

Para a reconstituïção do pôrto de Lisboa, Leitão de Barros conta com a preciosa colecção de barcos do Museu de Seixas.

Outros «clous»: uma festa campestre, ao estilo da época, cena essa inédita ainda no cinema: um fresco delicioso, de acentuado sabor romântico, que terá como fundo jardins idílicos, dignos do pincel dum Watteau. Far-se-á ainda a reconstituïção da sala dos embaixadores do Palácio de Queluz e cem pares dançarão o «minuete», num espectáculo grandioso, que resultará inteiramente.

A feição artística de «Bocage»

Leitão de Barros vai dar ao seu filme uma feição levemente irónica. As figuras históricas não terão aquela rigidez com que habitualmente nos são apresentadas. O filme — que se iniciará por um soneto de Olavo Bilac — será orientado no estilo do *Congresso que dança*, guardadas as devidas proporções. Muita música (portuguesa e brasileira), graça e esplendor — serão as características dominantes da nova obra do realizador da *Severa*.

O ritmo de *Bocage* divergirá do de todos os outros filmes de Leitão de Barros. Será rápido, fácil e incisivo. Movimento e Cinema, acima de tudo — eis o *mot d'ordre*, um programa conciso e completo.

A figura de Bocage

O problema da interpretação é um dos mais graves a resolver. Há figuras que não podem deixar de ter uma certa semelhança física, nomeadamente as grandes figuras históricas, porque estão ainda presentes, através de gravuras e desenhos, na memória dos espectadores. Leitão de Barros conta que perseguiu, durante horas e horas, nas ruas de Lisboa, um senhor obeso, que era o retrato vivo de D. João VI. Contratou-o, por fim.

A figura de Bocage foi objecto de aturados estudos. Leitão de Barros não nos quere dar o Bocage chocarreiro, que vomitava anecdotas e vinho, e declamava sonetos por dá cá aquela palha. O Bocage que Leitão de Barros vai reviver é o Bocage oficial de marinha, rapaz novo, femeeiro, que aliava à sua vivacidade de espirito um encanto especial, que o tornava querido das mulheres.

Lord Beckford e Bocage

Lord Beckford, numa das suas cartas, refere-se à sua pessoa. Depois de o descrever fisicamente — «...um moço pálido e franzino, de aspecto singular... o sr. Manuel Maria, o mais estravagante e talvez o mais original dos poetas que Deus tem criado» — alude a êle, nos seguintes termos:

«...Aconteceu estar êle numa dessas excêntricas e exaltadas disposições de espírito, que, como o sol no rigor do inverno, aparecem quando menos se espera. Mil agudos conceitos, mil alegres e estouvados repentes, mil dardos satíricos saíam da sua bôca, e nós estávamos em convulsões de risos; porém, quando êle começou a recitar algumas das suas composições, em que a grande profundidade do pensamento se alia aos mais patéticos lances, senti-me comovido e agitado. Dêste estranho e volúvel carácter é que se pode dizer, que possui o verdadeiro condão mágico com, que segundo lhe aprás, ora nos anima, ora nos petrifica».

Lord Beckford definiu a figura tal como Leitão de Barros a vai ressuscitar!

Ignora-se ainda quem encarnará a figura do poeta. A hipótese Amarante parece estar posta de parte.

Nessa conformidade, Leitão de Barros lançará mão dum estreante e nêsse sentido já orientou os seus trabalhos.

Mas, repetimos, não quere isto dizer que não possa ainda haver surpresas.

Em pleno trabalho

Leitão de Barros continua entregue, de alma e coração, ao seu filme. Estuda-os, nos seus pormenores, afina o découpage, etc.

Pereira Coelho e Matos Sequeira estão estudando os diálogos. Afonso Correia Leite está compondo a música que animará as imagens.

Dentro em breve, *Bocage* começará a ser realizado. E poderemos dar então aos nossos leitores outros informes e outras notícias, sem correr os riscos que corremos agora... É que estamos a levantar uma ponta do véu que encobre *Bocage*, sem para isso estarmos autorizados, por quem de direito!...

FERNANDO FRAGOSO

Desenhos de RAUL

O NOVO FILME DE LEITÃO DE BARROS

Crónica da Semana

NOUTROS tempos, o inverno só começava em Lisboa quando se abriam as portas de São Carlos. Podiam as de S. Pedro antecipar-se, correr água às caladupas sôbre os estranhos e inestéticos objectos que se chamavam guarda-chuvas: era apenas o Outono que se prolongava teimosamente.

Os alfaiates e as costureiras, os raminhos de violetas e as pastilhas aromatizadas dentro de caixinhas parisienses, esperavam todos pelos gorgeios de Borgioli ou pelos trinados de Rosina Storchio — essa Maria Eggerth que nasceu cêdo demais...

O teatro, porém, foi-se tornando cada vez menos lírico... E a ópera morreu no dia em que o Rigoleto começou a ser assobiado pelos garotos de Lisboa e se ouviu a marcha da Aida tocada por um clarinete desafinado, de cima duma carroça a rèclamar toiradas. O Covões teve a honra de lhe assistir aos últimos momentos. Já era tempo.

O papel, eminentemente social, de abrir a estação, passou a ser desempenhado pelo Cinema.

Uma bela manhã, alguém estendido na areia da praia, à hora do banho de sol e da má língua, desdobrando os jornais de Lisboa, sentia-se aliciado pelos anúncios do São Luiz ou do Tivoli. Era uma chamada feita lá de longe, uma negaça à inteligência em férias.

Ao princípio são raras ainda as super-produções de fama, cujos nomes e qualidades já se descortinaram nos semanários literários de Paris, ou no «Pour Vous» e «Cinémonde», mas o apetite é tão bom cozinheiro...

E entra-se a ter saüdades da Marlène, dos intervalos e da menina da frisa, que estreia chapéus sincrònicamente com os programas novos...

A primeira chuvada é o pretexto, mas no sub-consciente de cada um, ou de cada uma, há o apêlo da expressão de arte mais condizente com o dinamismo que caracteriza o nosso século.

* * *

Nunca, como nesta época que começa, houve tão grande espectativa da parte dos apreciadores de bom cinema, isto é, das pessoas que alcançaram, ao menos, uma mediana cultura ou, pròpriamente, intuição artística.

E nunca, também, essa espectativa foi tão sobejamente justificada.

Vejamos. Sem preciosismo patriótico, a primeira referência vai para os nossos filmes: «O trêvo de quatro folhas», de Chianca de Garcia (Sonarte) e «Bocage», de Leitão de Barros (S. U. S.). A produção estrangeira não consegue despertar tão viva curiosidade no nosso público. Vencerão? Não vencerão? Com certeza, é preciso que vençam!

Raros, muito raros, são os filmes a que se não possam apontar defeitos. As deficiências que, porventura, aqueles acusem, faremos as referências que julgarmos justas, mas sem espírito maligno de «bota abaixo», sem o sorriso irónico e prelencioso dos que nem um banco de cozinha são capazes de construir e sentem-se com mais fôrças do que Sansão, para destruir qualquer templo...

* * *

Os filmes estrangeiros são tantos e tão bons que difícil é desfiar a meada. Há uma galeria de bons — que dizemos!? — dos melhores realizadores a enunciar; nomes de estrêlas, cujos raios se cruzam em rivalidades conhecidas: títulos sugestivos, uns curtos, incisivos, enigmáticos, como «Sequoia», outros ao sabor de certos romances franceses, mas difíceis de estender em reclames luminosos, assim o «Pão nosso de cada dia», de King Vidor (seja bem aparecido!), com tendências marcadamente sociais.

Os produtores procuram todos os públicos, oferecem as mais variadas iguarias aos paladares mais delicados. Não há forma de se ter má bóca; a dificuldade apenas existe na escolha, na selecção quási impossível de se fazer.

São «As Cruzadas», de Cecil B. de Mille, que vai dar lugar às costumadas controvérsias àcêrca do seu valor; os «Quatro lanceiros da India», outros tantos nomes, dêstes que se escrevem com grandes maiúsculas; «Ana Karenine» com Greta Garbo, laça Mussolini, primeiro prémio Bienal de Veneza, a consagração europeia, o triunfo. Que dirá Lisboa?

Procópio, o grande actor brasileiro, surpreendido, num intervalo das filmagens pelo fotografo do estudio.

A Shirley Temple aparecerá em três deliciosos filmes, afirmando cada vez mais a sua admirável precocidade; Katherine Hepburn, a singular actriz americana, ser-nos-á apresentada (meu Deus, já não era sem tempo!); Marta Eggerth figura em «Casta Diva», Chevalier nas «Folies Bergères», Marlène na «Mulher Satânica».

«Nos mares da China», juntam-se Wallace Berry, Clark Gable e Jane Harlow, e em «As Virgens de Wimpole Street», Norma Shearer (tão fina, tão mulher...) Laughton e Frederick March. É formidável! E ficou tanto por dizer...

Não, não há o direito de depois disto abrir-se a bóca num bocejo e preguntar-se perplexo: — mas, onde havemos de ir?

Oh, senhores! Que falta de imaginação!

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

ESTAMOS em plena saison. Todos os cinemas desta cidade reabriram as portas ao público ou inauguraram a época de inverno — a grande temporada — para apresentação dos anunciados programas, que incluem, na verdade, produções de mérito.

Há movimento, interêsse, espectativa.

O cinema, a mais trepidante escola de realizações do nosso século, interessa, de há muito, tôdas as classes. Faz parte dos seus hábitos. Como elemento de cultura ou meio de distracção, tornou-se indispensável ao clássico burguês do Pôrto, às senhoras que o discutem, a tôda a mocidade que têm, na grande arte, o reflexo nítido, dinâmico, perfeito, da ansiosa vida contemporânea.

A época que principia promete ser brilhante. As emprêsas desta cidade, louvàvelmente, não se pouparam a esforços para bem servir o seu público, e os cinéfilos têm a certeza de que desfilarão ante os seus olhos, ávidos de bom cinema, uma série curiosa de magníficos filmes.

Quer nos cinemas de «élite», quer nas casas de feição popular, todos os dirigentes se apetrecham com o que de melhor produziram últimamente os estúdios de todo o mundo, para uma competição que constituirá uma luta interessante e proveitosa.

As «matinées» de cinema na Cidade Invicta

Há meia dúzia de anos, pensar-se em realizar, no Pôrto, «matinées» cinematográficas, em dias de semana, era veleidade que ninguém tentava, tão arreigada estava no espírito a relutância em freqüentar casas de espectáculos em dias e horas que não estavam, convencionalmente, destinadas a diversões.

As primeiras tentativas tendentes a ampliar o âmbito dos divertimentos públicos, datam de há longos anos, mas, até há pouco, resultaram sempre infrutíferas.

No entanto, o cinema, vem infiltrando-se nas necessidades de cada um, marca, com decisão, os seus passos e, finalmente, firma-se pelo seu poder de sugestão e pelo seu valor intrínseco.

As «matinées» vulgarizaram-se, tornaram-se indispensáveis. Presentemente dois cinemas dão «matinées» cotidianas — o Batalha e o Rivoli — e todos os outros durante três dias por semana.

Um novo invento aplicado ao cinema

No desejo, aliás muito louvável, de proporcionar aos seus freqüentadores tôdas as vantagens e inovações que o cinema, presentemente, nos oferece, a emprêsa do São João Cine, ao inaugurar a temporada actual, apresentou uma nova modalidade de projecção.

Trata-se do foco variável «Taylor Hobson» que, aplicado ao aparelho de projecção, torna o «écran» maior, aumentando uma média de um quarto o tamanho normal da imagem.

É o primeiro aparelho dêste género que se utiliza em Portugal, e que, por enquanto, apenas tem sido aplicado nos jornais de actualidades, sendo natural que venha a sê-lo em outros filmes, sobretudo nas cenas de grande movimentação de figurantes.

Não é, no entanto, tão sensível o aumento que o público, distraído, dê por tal, demais, sabendo-se que na filmagem se aplicam inúmeros «trucs» para arrancar os mais extraordinários efeitos na fotografia.

É interessante a maneira habilidosa como foi suprida a ausência do «encadrement» da tela do São João, o mais bonito dos nossos cinemas, retirado pelas exigências do foco «Taylor Hobson», e substituído por rápidos efeitos de luz, que deixaram de ter as tonalidades curiosas dos que lhe antecederam.

Como a projecção normal não atinge todo o «écran», visto que fica um espaço destinado ao aumento resultante da aplicação do novo foco, essa faixa transforma-se num tom cinzento, o que, se não prejudica a projecção, se torna um pouco desagradável à vista, sobretudo, para quem estava habituado aos antigos jogos de cortinas e «encadrement» do São João.

É, no entanto, uma novidade, embora de débil eficiência, mas que merece todos os encómios pelos louváveis desejos de bem servir, que revela.

Uma emprêsa distribuidora

Desde o início da exploração do aluguer de filmes, em Portugal, tôdas as casas que a êste comércio se dedicam montaram as suas sêdes em Lisboa, centralizando aí os serviços de distribuição e mantendo, apenas, no Pôrto simples agências que secundam e acompanham o negócio nas regiões nortenhas.

A-pesar-de na capital do Norte se ter organizado, modelarmente, a produção de filmes silenciosos, emprêsa que não prosseguiu por circunstâncias difíceis de enumerar nêste momento, a-pesar-do Pôrto ter mantido sempre a sua Imprensa cinematográfica, foi em Lisboa que se instalaram todos os alugadores e distribuïdores de películas.

Porém, devido ao rasgado espírito de iniciativa do mais antigo jornalista cinematográfico português, no Pôrto acaba de se organizar uma emprêsa distribuïdora de filmes, a que está reservado um lisongeiro êxito.

É a «Aliança Filme», que já esta época dispõe de uma série de programas que, estamos certos, vão causar sensação, pelo superior critério que presidiu à sua organização.

A «Aliança Filme» é tècnicamente dirigida pelo velho camarada de Imprensa, Alberto Armando Pereira, a quem sobejam qualidades de competência, aliás demasiadamente demonstradas.

CARLOS MOREIRA.

Carta do Porto

A VIDA AVENTUROSA DE VICTOR MAC LAGLEN, «o homem dos sete oficios...»

É inglês. Pelo menos, de nascença. A mãe era irlandesa. O pai, escossês, e bispo da Igreja Anglicana.

É o mais novo dos oito irmãos, todos atletas como êle.

Aos catorze anos, cançado de ser menino do côro, fugiu. Um policia, alguns dias mais tarde, caçou-o num banco do Hyde-Parc, quási morto de inanição.

Convidado, pela autoridade, «a girar», encontrou, depois, um beberrão escossês que, toldado pelo alcool, esqueceu a tradicional avareza da raça e o levou a beber um copo. Victor fôra educado num ambiente de rigoroso puritanismo. Ignorava o sabor do vinho. Mas conhecia os efeitos. Seu pai levara a vida a prègar contra o alcoolismo e a evocar as suas temíveis conseqüências. Algumas horas, após o encontro com o seu amigo, Victor estava mais bêbedo do que êle. É bem certo que o vinho leva um homem à prática de tôdas as loucuras: o nosso heroi, dando uma idade falsa, que a sua constituïção atestava como verdadeira, alistou-se por doze anos, no exército, como voluntário.

E ao som do *We'e the soldiers of the Queen*, partiu para a guerra contra os Boers.

A QUIMERA DO OIRO...

Tomou parte no cêrco a Mafeking. A paz consolidou-se. E aborreceu a tropa. Para se distrair, tratou de aprender o «box». A principio foi um bombo de festa nas mãos dos companheiros. Hoje está apto a devolver tôdas as caricias com que êles o mimosearam. E acabou por ser declarado campeão do regimento.

Obteve licença ilimitada. Meteu-se num navio e foi para o Canadá. A bordo, travou conhecimento com um rapaz pouco vulgar: Jack Crow, pessoa que mais tarde, várias vezes, lhe serviu de modêlo, na criação dos tipos que encarnou na tela.

Era um colosso, coberto de cicatrizes. Quando lhe dava na bôlha, se estava bem disposto, contava a história das cicatrizes. Tão depressa eram «recordações» da guerra na China, como conseqüências de ter salvo a mãe num terrível incêndio. Vic nunca soube bem ao certo qual das duas versões era a mais fantasista. Mas, felizmente, não era curioso...

Jack agradou-lhe. Mal chegaram à América, ouviram dizer que se tinham descoberto uns veios de prata em Cobalt. Resolveram ir para lá. Sem um vintém na algibeira, atravessaram o Canadá... a pé, em etapas sucessivas...

E, durante meses e meses, viveram a existência miserável dos pesquisadores.

BOXEUR, À FALTA DE MELHOR

Todos os esforços foram vãos. Jack, para matar o tempo, bebia como uma esponja. Tinha crises tremendas e Vic, para o chamar à razão, era forçado, por vezes, a empregar argumentos fortes: e um bom «uppercut» era remédio santo...

Até que por fim morreu, com um ataque de *delirium tremens*.

Victor, desgostoso, recomeçou a «boxar», como noutros tempos.

A principio, encontros duros com canadianos ou mestiços sanguinários. Proventos, fracos ou nenhuns. Foi uma aprendizagem custosa, que se traduziu, sobretudo, numa série de marcas na sua pele endurecida. E ainda hoje o seu perfil se ressente de alguns golpes menos delicados...

Um belo dia, numa pequena cidade americana, depois dum «match», armou-se uma enorme zaragata. Discutia-se a decisão do árbitro. Os litigantes depressa passaram a vias de facto... E Vic foi prêso.

O ANJO DA GUARDA APARECE...

Estava condenado a um longo estágio... Tinham sido grandes os estragos. No hospital jaziam as vítimas, um bocado «amolgadas»...

Para cúmulo, continuava sem dinheiro. Ninguém pagaria a multa, nem tão pouco o afiançaria.

Mas o anjo da guarda, sob a forma dum ilustre desconhecido, protegia-o. Não contente em pô-lo na rua, levou-o a um restaurante e meteu-lhe dez dólares na mão:

— Vi-te «trabalhar». És corajoso. Gosto disso. Não te preocupes, rapaz...

E retirou-se...

Vic procurou saber o nome do bemfeitor. Era uma joia de rapaz, chefe dum bando de salteadores de combóios...

O facto influiu na sua maneira de pensar. Desde então, para julgar os bons e os maus, nunca mais fêz caso dos preconceitos nem da opinião pública.

Continuou a socar os parceiros. Nunca desanimava.

Em Vancover, em 1909, encontrou um adversário negro, que não era outro senão o invencível campeão Jack Johnson, então no início da sua carreira.

Ao sexto «round» Vic caiu — e ficou com um enorme azar à nobre arte.

A CAMINHO DA CELEBRIDADE

Fêz-se lutador de feira, com outro escossês: Hume Duvel. Intitulavam-se os dois, pomposamente, «os reis do músculo». Desafiavam os espectadores, exibiam-se em demonstrações de luta e chegaram a ser professores de cultura física.

Entretanto, sentiu, pela primeira vez, saüdades da familia. Um dos seus irmãos estava na Austrália. A viagem não o assustou. Embarcou, como dispenseiro, num navio qualquer.

Dali partiu para as Ilhas Fidji, onde o irmão era pescador de pérolas. Na India, abriu um curso de gimnástica e conseguiu desempenhar as funções de professor de cultura física junto do rajah d'Akolkot. Ia-lhe sendo fatal esta ascensão. O seu amo apareceu misteriosamente envenenado e Vic foi forçado a fugir a tôda a pressa.

Rebenta a guerra...

Parte para Londres. Acolhe-se sob a bandeira do seu regimento. Cinco dos seus irmãos, partem, a seu lado, nas hostes do rei Jorge. E mandam-no para a Mesopotâmia, onde permanece até o fim das hostilidades.

Paz... Começa a falar-se muito no cinema.

Em Inglaterra, consegue um papel talhado ao seu jeito: «o bruto com coração de pomba».

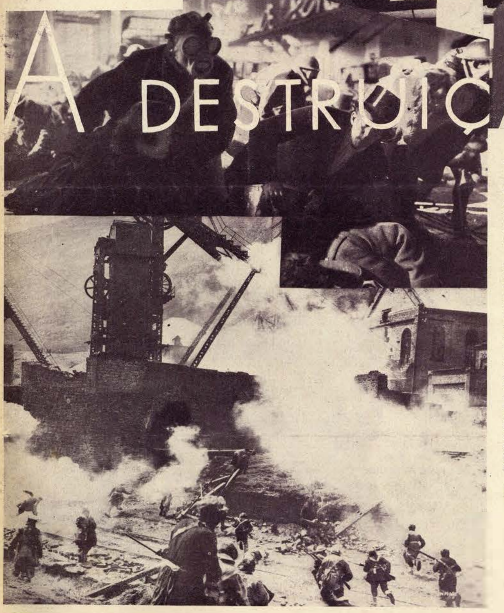
Após alguns filmes na loira Albion, Hollywood recruta-o. E depressa se torna célebre.

(Conclui na pag. 14)

A DESTRUIÇÃO DO MUNDO NA "VIDA FUTURA" UMA FANTASIA OU UMA PROFECIA DE H.G. WELLS?

O cinema inglês está dando um passo de[illegible] Nos estúdios da London-Films, Alexandre Korda, com efeito, dirige a realização da obra de maior fôlego até agora empreendida em estúdios britânicos. Trata-se de *Things to come* (Coisas Futuras) que primeiramente se chamou *The Shape of things to come* (A forma das coisas futuras), mais tarde *Wither Mankind?* (Para onde vai a humanidade?) e agora, finalmente, *A Vida Futura*.

H. G. Wells, o fecundo romancista inglês, que se celebrizou, no mundo inteiro com obras de imaginação como *O Homem Invisível*, *A Máquina de Explorar o Tempo* e *A guerra dos Mundos* é o autor do argumento da grande produção, que a London está filmando no maior segrêdo.



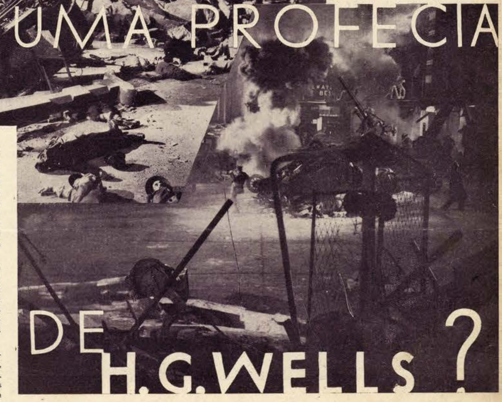
Em pleno mistério...

Nunca nenhum filme se rodeou de tamanho mistério! A «consigne» é formal e interdiz a entrada nos «sets» a todos aqueles que não pertençam ao número das pessoas que interveem no filme. Pela primeira vez, na história do cinema da loira Albion, os grandes cenários de ar livre foram construídos fora dos estúdios em locais isolados, e defendidos por pessoas, que são autênticos Cerebéros...

A Vida Futura é um filme de antecipação. Mais, ainda: é a mais grandiosa das películas do cinema britânico. Inverteram-se, na sua realização somas astronómicas. Mas os produtores julgam absolutamente prejudicial divulgar o que quere que seja do filme, uma vez que grande parte do seu interêsse reside na concepção das cenas, do guarda-roupa e da própria novela. À Imprensa da especialidade, contra o costume, não fôram distribuídas «fotos» de publicidade. Pouco ou nada se sabe do filme. *Cine-Jornal* não pode deixar de se orgulhar de ser a primeira revista europeia a publicar uma reportagem gráfica dêste filme, cujo interêsse é desnecessário acentuar — e que devemos à muita amabilidade da Sonoro-Filme, representante da London-Film, e portanto distribuidora dêste filme em Portugal.

Um argumento audacioso

A acção da *Vida Futura* passase no ano 2.054. Como é natural, o ambiente e o rítmo da vida correm de forma diferente, sem se assemelharem aos do dia de hoje. *Everytown*, — (Cidade de Todos), é a última palavra da civilização. A ciência aperfeiçoou a um expoente elevadíssimo as condições da vida humana. Criou-se uma luz nova, que anula as noites e os seus inconvenientes. O ar, quimicamente preparado, torna-se mais proveitoso ao homem, às plantas e aos animais. Em poucos dias, uma seara, cresce e floresce. Em poucas horas, as flores criam-se e desabrocham, em colorações de sonho... A vida seria uma delícia, se os homens não continuassem a ser falsos e ambiciosos, cegos pelo dinheiro que deslumbra.



Selecciona-se, nêsse ano, o casal, que terá a honra de ser o primeiro a colonizar a Lua. A lindíssima filha do milionário Cabal, Catherine Cabal, e Maurice Passworthy são designados para êsse efeito. O famoso «space-gun» (canhão do espaço) lançá-los-á através do éter...

Em *Everytown* o povo vive descuidado e feliz. Mas, nas chancelarias, travam-se maquiavélicas combinações. Pelas paredes, começam a aparecer os primeiros cartazes exortando o Povo a não permitir que seres humanos sejam atirados para a Lua. A ameaça da guerra, simultâneamente, paira como um espectro, sôbre as mentes encandecidas. E um belo dia os acontecimentos precipitam-se.

Os aviões cruzam o espaço aterradoramente. O inimigo aproxima-se. E, sôbre a cidade, uma chuva de metralha semeia a morte e o pavor.

É a destruição do mundo. É a guerra. Nações contra nações, numa fúria imensa, barreiras invencíveis que se levantam para se despenhar sôbre a Humanidade indefesa.

A realidade antepõe-se à ficção?

Uma profecia ou uma fantasia de Wells? Uma profecia — parece! Uma profecia, que se vai realizar — quem sabe? — em pouco tempo! Nêste momento o mundo é um rastilho imenso! E a Abissínia e a Itália, as pedras de «silex», cuja faísca, proveniente do choque das duas, se arrisca a incendiá-lo. Wells, que tão longe tem ido, em precedentes obras, nos domínios da imaginação e da fantasia — está em riscos de vêr o seu filme de antecipação tornar-se num relato comesinho de assuntos dos nossos dias.

Oxalá o mundo espere pelo ano de 2.054, para que a Humanidade assista ao espectáculo grandioso e aterrador da *Vida Futura!*

MARIO AUGUSTO

(Fotos e texto em exclusivo para *Cine-Jornal*).

O que será a nova temporada Paramount

O sr. Moisés Israel, activo e prestigioso gerente da sub-agência da Paramount em Lisboa, recebe o jornalista com a sua proverbial gentileza.

Comunicamos-lhe ao que vamos: saber o que será a nova temporada Paramount em Lisboa. E o sr. Moisés Israel adverte-nos:

— Sou suspeito para lhe falar dos meus filmes. Mas peço-lhe que esqueça a minha posição aqui dentro, quando imparcial e desapaixonadamente lhe afirmo: «A temporada Paramount de 1935-1936 vai marcar entre as melhores desta grande firma americana».

E justifica:

— A Paramount dispõe dum «stock» magnífico. Temos filmes de grande espectáculo, comédias adoráveis, películas musicais, filmes de terror, «westerns» de primeira categoria, etc. E tudo isto com os melhores nomes, com os artistas que o público aprecia, com as vedetas da sua predilecção. Depois, o nível artístico destas obras é notável, pelo seu equilíbrio e pelo seu interêsse.

— Grandes filmes?

— Sem dúvida! O meu amigo verá! Dos *Lanceiros da India* à mais modesta das produções — tôdas as obras se impõem pelo seu valor próprio.

— Onde veremos a sua programação?

— No Politeama, que está a passar por grandes transformações, para receber condignamente as fitas que vai estrear. E deixe-me dizer-lhe: a Paramount gaba-se de, ontem como hoje, ter os melhores complementos da actualidade. E sabe? O público, lògicamente, liga uma grande importância à primeira parte dos programas, porque é um têrço do espectáculo que pagou... Não é preciso dizer mais nada, não é verdade?...

O sr. Moisés Israel fala depois nas grandes transformações por que está passando a Paramount em Hollywood. A sua orgânica geral, últimamente enfraquecida por motivos vários, encontrou as pessoas de que necessitava para lhe insuflarem sangue novo. Lubitsch, uma das figuras mais representativas da sétima Arte, super-visionará, de futuro, tôda a programação. Marlène, liberta da tutela artística de Sternberg, vai aparecer transformada no *Colar de Pérolas*. Um sôpro renovador irá a tôda a parte e fará sentir os seus benéficos efeitos.

Despedimo-nos do sr. Moisés Israel, cheios de confiança pelas suas palavras de fé no futuro, e pela certeza que nos afirmou: vamos ter bons filmes Paramount esta temporada, que é o «ano esplendor» da grande firma americana.

* * *

São 30 as películas que a Paramount apresentará esta época. Eis, a seguir, algumas indicações sôbre cada uma delas:

As Cruzadas — O melhor filme de Ceeil B. de Mille. Um espectáculo duma grandiosidade que assombra. Os tempos heroicos da guerra Santa, evocados num filme imponente. Grandiosas criações de Harry Wilcoxon e Loretta Young.

Os Lanceiros da India — O grande êxito de Paris e de tôdas as capitais do mundo. O heroismo, a lealdade, a valentia do exército inglês, em luta com as tribus rebeldes, no clima inhóspito da India. A epopeia da abnegação e do sacrifício. Intérpretes: Gary Cooper. Franchot Tone e Kathleen Burke.

Mulher Satânica — Marlène, a inolvidável Marlène, num filme maravilhoso, que se desenrola na Andaluzia, o país da graça e da côr. Uma mulher diabólica, por amor da qual os homens se arruinam.

Byrd no Antártico — Um filme que revela o extraordinário poder do Cinema. A formidável viagem do almirante Byrd ao Polo Sul, escrita em imagens vigorosas e sublimes.

Os Mercadores da Morte — As ambições criminosas dos que fomentam a guerra, para se encher de dinheiro. O que sucederia se a América fôsse novamente arrastada no turbilhão da morte?

Templo de Beleza — Comédia satírica às Academias de Beleza, e à inconsistência dos produtos para aformosear. O amor pode mais do que a ciência dos maçagistas? Cary Grant, Geneviève Sobin e Helena Mack dizem-nos que sim.

Louco por ti — Uma comédia musical do melhor recorte cinematográfico. A revelação dos grandes artistas: Joe Morrison e Dixie Lee.

A célebre Miss Lang — Em tôda a parte, esta comédia foi acolhida com o maior interêsse. É uma sucessão de prodigiosas aventuras, com as grandes vedetas Gertrude Michael e Alison Skipworth.

Pistas secretas — A vida intensa da polícia americana em luta com os mais temerosos bandidos, num filme magistral, que empolga e domina os espectadores. No desempenho, destacam-se Fred Mac Murray e Sir Guy Standing.

Asas nas trevas — Dois grandes artistas: Cary Grant e Myrna Loy. Um tema empolgante: um vôo transoceânico. Em resumo, um belo filme, realizado com os prodigiosos recursos do cinema americano.

A Caravana do Oregon — A epopeia dos pesquisadores de oiro, nos tempos heroicos da colonização. Randolph Scott, Gail Patrick e Monte Blue, nos principais papéis.

A lei do Oeste — Um filme de ar livre, que se desenrola nas planuras do Oeste. Evelyn Brent e Jackie Cooper, num argumento de formidável intensidade dramática.

A Via Láctea — Harold Lloyd num grande filme. Graça a rodos, um rosário de gargalhadas em perspectiva. Um filme formidável, em resumo.

Tarde de Toiros — Sol, arenas escaldantes, toiros. A vida incerta dos toureiros. As mulheres, o vinho — o amor. George Raft, o sucessor de Valentino, na figura dum grande espada mexicano.

Tango Bar — O inesquecível e malogrado Carlos Gardel, numa comédia que vai apaixonar o público. Um título que é uma promessa — num filme que é uma certeza.

Mundos Intimos — Uma obra que apaixonou o mundo. Charles Boyer e Claudette Colbert, intérpretes do mais original dos conflitos.

A dança das virgens — A famosa ilha Bali, das mulheres de seios nus, num filme encantador, que nos conta uma tocante lenda nativa. Um filme colorido, que fica no cinema.

O demónio loiro — Bing Crosby, o ídolo americano, um dos melhores cantores da rádio, ao lado de Miriam Hopkins, num filme alegre, cheio de musicalidade e alegria.

A Grã-Duquesa e o Criado — A célebre peça, já representada em palcos portugueses, numa deliciosa adaptação cinematográfica, com Kitty Carlisle e Buig Crosby.

Sou tua para sempre — Um elenco formidável: Gary Coper, Carole Lombard e Shirley Temple na mais graciosa das comédias. Um novo êxito de Shirley.

O Lírio Doirado — O amor vale mais do que o dinheiro? Claudette Colbert, neste filme, afirmam que sim, negando a sua mão a príncipes e a milionários, para ficar «fiel ao seu amor»...

O último recurso — Em todo o mundo, *Ruggles of Red Gape*, assim se chama êste filme na versão original, alcançou um êxito formidável. Farsa? Comédia? Sátira? É algo de formidável, com a magnífica criação de Charles Langhton.

Quando tu me quiseres — O último filme do malogrado Gardel! Um mimo de musicalidade e de sonho. A seu lado Rosita Moreno, beleza capitosa, rosa de Espanha.

Rumba — Havana... Sensualidade... Exotismo... Um filme colossal, que se desenrola nos «cabarets» onde abundam as flores dos trópicos, raparigas lindas de sorrisos aliciantes e corpos perturbadores! George Raft e Carole Lombard, nos principais papéis.

Mulheres tenham cautela... — Um aviso, um bom conselho às mulheres de todo o mundo. Um filme delicioso, com linda música e interpretado por Frances Drake e Cary Grant.

Shirley em penhor — Shirley Temple, o ídolo do mundo, na melhor de tôdas as comédias. A seu lado, o correctíssimo Adolfo Menjou e a beleza serena de Dorothy Dell.

Meu marido vai casar — Um título equivoco, numa comédia de primeira ordem, onde brilham a graça e a beleza de Elisse Landi e a voz de Richard Bonelli, o famoso tenor de ópera.

A Hiena da 5.ª Avenida — Um filme de terror, que nos conta o estranho caso da dualidade duma mulher, que obedece alternadamente aos seus bons e maus instintos. Com Evelyn Venable e Kent Taylor.

Trinta dias princesa — Sylvia Sidney, a talentosa vedeta, num duplo papel. É uma realização prodigiosa de Manon Gering, que nos conta a história duma rapariga levada à mais empolgante das aventuras.

A Ameaça — Um filme de acção e de emoção. Um enrêdo misterioso, que desafia o interêsse do público. Fôrças ocultas ao serviço dos mais temerosos desígnios. Protagonistas: Gertrude Michael e Paul Cavanaugh.

* * *

Tal é, em resumo, o formidável material da Paramount para a temporadn presente!

O correio das estrêlas

por

Jeanette MacDonald

A verdade é, por vezes, mais estranha do que a própria ficção. E, se tomármos, como ponto de referência, a caixa do correio duma vedeta veremos que o mais engenhoso e inverosímil dos argumentos da tela fica a perder de vista, num confronto com a matéria que nelas se contém.

Creio que ninguém, que haja adquirido certa celebridade — refiro-me sobretudo aos actores e actrizes —, se pode furtar a estas homenagens espontâneas dos admiradores.

Mas custa-me a crer em que haja pessoas com paciência para se sentar a uma secretária e produzir certas «peças literárias» dignas dum museu — como as que guardo religiosamente em minha casa.

Sejam quais forem os correspondentes invisíveis — crianças, inventores, loucos, apaixonados, ou furiosos pelo cinema — o certo é que somos forçados a responder a tôdas essas cartas. E tal trabalho, duma importância insuspeita, está a cargo do secretário que cada firma mantém, com o fim de alimentar o fogo sagrado dêstes cinéfilos exaltados.

O correio duma vedeta é o barómetro da sua popularidade e a menor das variações, no volume da correspondência, corresponde a uma alta ou a uma baixa do interêsse do público pelas nossas pessoas.

Eis o motivo por que nos apavoramos, quando se nota uma diminuição progressiva, no número de cartas recebidas — índice infalível da admiração e do entusiasmo do público, pelos seus ídolos.

* * *

As cartas que nos dão mais alegria, são, como é natural, aquelas que nos trazem palavras de confôrto e de incitamento. As confissões dêstes admiradores, «frases de mel», são o bálsamo que nos alivia nas incertezas e nas horas negras da carreira. Não avaliam que bom que é, chegar ao fim do dia, após o trabalho extenuante dos estúdios, e ver, ao entrar em casa, um enorme maço de correspondência. O público não nos esquece, continua a confiar em nós — e o entusiasmo renasce!

Por vezes, o meu correio contém documentos que marcam sobretudo pela sua estranha originalidade.

Em regra, o grôsso das cartas é constituído por pedidos de fotografias autografadas. No entanto, uma vez um homem das Bermudas «precisava» o seu pedido nestes têrmos: «Agradeço sobretudo algumas *poses* em fato de banho e em camisa de dormir».

Um plantador de café da colónia de Kénya, que me escreveu há pouco tempo, ia um pouco mais longe... Informava-me de que viria do extremo da Africa propositadamente para casar comigo: «Se não quiser vir a bem, terei de raptá-la — ainda que cala varado pelas balas dos seus agentes de protecção...»

A princípio pode parecer agradável — e até «exciting» — saber que se é amada por um silencioso trabalhador da sombria Africa, mas devo dizer que não recomendo o idílio, a quem preza, sobretudo, a sua tranqüilidade... Porque o meu admirador cumpriu a ameaça e tentou, de tôdas as formas, forçar as portas do estúdio, para me ver. Fêz-se passar por actor, por fotógrafo e até por agente de especialidades farmacêuticas.

Há pouco tempo, uma estrêla muito conhecida teve a pouca sorte de cair, ao filmar uma cena e de fracturar um pequeno osso do pulso. A publicidade noticiou o acontecimento, em todo o mundo. Pois muito bem, o correio dessa minha camarada dos estúdios aumentou, imediatamente, dum bom milhar de cartas, em que os admiradores faziam votos pelas suas melhoras e lamentavam o acidente. Mas o seu correio incluiu ainda cincoenta e três catálogos de ortopedistas, acompanhados do pedido de tratamento e de proficientes conselhos e indicações àcêrca dos seus últimos modelos...

Uma espécie de charlatão concebeu, certo dia, o que êle chamava «uma ideia estupenda» e resolveu pôr-me ao corrente do que se tratava. Queria que eu fôsse com êle a Rhode Island, durante os meses de verão, para o acompanhar numa «tournée» que ia empreender pelas casas de saúde e farmácias. Estava certo, dizia êle, de que, se eu estivesse de acôrdo, conseguiria assim ganhar uma fortuna e que, sobretudo, a publicidade de que eu disfrutaria, iria compensar largamente a maçada da viagem.

Constance Bennett, que é, ainda hoje, uma das vedetas mais bem pagas da Cinelândia, tornou-se a vítima dos pedidos de empréstimo de dinheiro, e que vão desde os 50 dólares, para a compra duma bugiganga qualquer, até um milhão para financear uma grande emprêsa, que — caso curioso — é sempre «de rendimento certo»...

Constance contou-me que uma mulher do Kansas lhe escreveu, certo dia, dizendo que a doença do marido lhe tinha impedido de comprar certas coisas essenciais à vida. E pedia a «Connie», que lhe comprasse um casaco de peles, um automóvel, e um aparelho de T. S. F., desprezando outras «frioleiras» como estas — géneros de primeira necessidade, como o ar que respiramos...

* * *

É curioso verificar como a nossa maneira de ser na tela influe no conceito que os outros formam de nós, na vida real. Como na *Viúva Alegre* e na *Princesa Endiabrada* desempenhei papéis de mulher caprichosa e um pouco frívola, o público julga, por certo, que sou assim...

Por êsse mesmo motivo, um descarregador dos «Canadians Rockies» escreveu a Wallace Beery para lhe participar que, logo que tivesse dinheiro, iria a Hollywood para lhe dar um valente sôco... O nosso herói, acostumado a ver Wally em papéis à *Viva Villa!* entendia que era uma façanha meritória atirar a terra aquele bruto, que, na tela, não tinha quem lhe fizesse frente.

* * *

Quanto mais célebre é o artista mais estranhos são os pedidos que recebe.

Vejam por exemplo êste período da carta que uma mulher da Pensylvânia dirigiu a Douglas Fairbanks:

«O meu filho foi ontem vê-lo num filme qualquer. Quando chegou a casa, agarrou-se ao candeeiro, no intuito de atravessar a sala de lado a lado, suspenso pelo cordão que o prende ao tecto. Caiu e partiu uma perna. Entendo que ao senhor cabe a obrigação de pagar a conta do médico e da farmácia».

Uma mãi de família escreveu indignada a Boris Karloff «proibindo-o» de interpretar papéis à *Frankenstein*, porque a filha vira êsse filme, e levara tôda a noite, assustada com o que presenciara.

Há dias, depois de ter interpretado *A Princesa Endiabrada*, recebi também uma carta de «uma mãi de família», que me responsabilizava por a filha ter fugido nas vésperas do casamento, depois de ter visto o meu exemplo, no filme de Van Dyke. E acrescentava: «como não gostava do noivo que nós, para ela escolheramos, e como, logo por azar, viu o seu exemplo no filme, entendeu que o melhor que tinha a fazer era fugir. Mas, desta vez, preferiu levar logo quem a defendesse dos «piratas» — e fugiu com outro namorado, que poderá gostar muito dela, mas que não tem vintém». E terminava por me pedir dinheiro, «para o enxoval da pequena»...

* * *

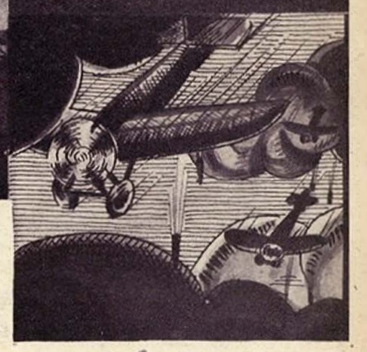
Como vêem, o trabalho duma vedeta não é precisamente uma cura de repouso... As nossas obrigações são de tal ordem, que não podemos nem devemos ignorar o que se contém nas caixas do nosso correio.

E para terminar deixem-me dar-lhes êste conselho para triunfar: Até certo ponto, a nossa carreira de vedetas da tela deverá ser guiada pelos conselhos e pelos preságios dos nossos admiradores...

JEANETTE MACDONALD

No milenário império da Etiópia

Um grande documentário sôbre a Abissínia



Foi uma ideia feliz a que a Ufa teve, de enviar uma expedição cinematográfica ao país dos ahexins, a-pesar-da incredulidade de muitas pessoas que consideravam o assunto pouco interessante para um filme. Não contavam, porém, nessas primeiras semanas de 1935, com a importância política que o Império Etiópico viria a adquirir no desenrolar dos acontecimentos.

Graças a um encadeamento felicíssimo de esplêndidos acasos e proveitosas ocasiões, o enviado especial da Ufa Dr. Martin Rikli, foi o único repórter cinematográfico do mundo que conseguiu filmar vários aspectos do império etiópico *antes* do findo período de chuvas, e a sua viagem foi uma das mais memoráveis que se têm feito em terras africanas sob o ponto de vista cinematográfico!

Com efeito, não só o autorizaram a filmar — o que já é qualquer coisa de excepcional — as instituições e os usos e costumes da Abissínia na actualidade, como ainda teve a felicidade de vêr o seu trabalho patrocinado pelo próprio Imperador, do que resulta, para êste filme um valor indiscutível, como documentário moderno sôbre o povo abissínio.

O imperador autorizou a filmagem

dos edifícios de Addis Abeba e da vida diária na capital do País, e, mais particularmente, do bairro governamental, e intercedeu ainda para que Rikli conseguisse filmar os ministros e os dignitários do Império, cenas da vida no palácio, aspectos da família Imperial, e principalmente da Imperatriz com os seus filhos. Por vezes, o Imperador mandava-o chamar, de repente, e certa ocasião em que Rikli estava sem roupa de «kaki», por o alfaiate se demorar com a entrega, viu-se obrigado a manivelar as cenas no palácio, vestido à europeia, de solene casaca, sob um calor tropical, asfixiante.

As cenas culturais, talvez as mais valiosas do filme, com aspectos do culto religioso das igrejas, das festas populares, e do alto clero abissínio, também foram manivelados com o benévolo apoio do Imperador Hailé Selassié, e constituem portanto o primeiro documentário cinematográfico sôbre os costumes religiosos na Abissínia, pois basta dizer que até agora nem sequer tinham sido fotografados. A-pesar-do retraimento, e até da franca hostilidade, dos sacerdotes abissínios, foi possível, graças à intervenção do Imperador, focar essas imagens que devem interessar mesmo os Teólogos porque proporcionam novos subsídios para o estudo do cristianismo céptico que, durante 1500 anos, isto é, desde os primeiros tempos da religião Cristã, se manteve e mantém invariável nêsse País. No entanto, a-pesar-da autorização oficial, Rikli teve que manivelar essas cenas com a maior prudência, arriscando muitas vezes a própria vida!

O Dr. Rikli foi ainda o primeiro repórter cinematográfico que teve a felicidade de acompanhar o imperador no seu combóio especial, durante uma viagem importante e secreta, de propaganda e inspecção, até à cidade de Harrar. Depois, fêz parte da caravana-automóvel do Imperador que partiu de Harrar através das estepes até à zona de marcha do exército e à região da fronteira habitada pelas tribus nómadas. Foi nessa viagem, que Rikli recolheu os seus interessantissimos documentários cinematográficos sôbre o exército, adestramento da mocidade, administração política, e costumes típicos das tribus abissinias, que povoam as regiões da fronteira.

Para conseguir imagens interessantes e não perder ocasiões favoráveis, o Dr. Rikli percorria, por vezes, quilómetros inteiros no seu automóvel especial, sob o sol dos trópicos, ou durante a noite e debaixo de chuvas tempestuosas, precedendo a cavalaria Imperial, ou seguindo atrás dela, sempre com o pensamento fixo de chegar a tempo e horas a uma dada povoação, quaisquer que fôssem as dificuldades. Entre Harrar e Djidjiga, por exemplo, aconteceu-lhe deparar uma ponte, que tinha sido derruída pelo temporal, depois da passagem do Imperador; como era a única ponte que por ali havía, o Dr. Rikli conduziu o automóvel pela encosta, atravessou com êle o rio caudaloso, e levou, depois, horas inteiras a subir a margem oposta com o auxílio de centenas de populares.

As imagens mais interessantes e valiosas, recolhidas durante a expedição, são as que focam as tropas irregulares dos somalis, chefiadas pelos seus príncipes e que o Imperador, com uma tática muito hábil, conveneeu a baterem-se pela causa da Abissínia.

Na grande festa final, efectuada por motivo da visita do Imperador, surgiram, de repente, diante da câmara do Dr. Rikli, e por iniciativa do Negus, não só os somalis como tôda uma legião de guerreiros dankalis a cavalo. Estas tríbus que, em caso de guerra, prestam valiosos serviços como patrulhas, guias e pioneiros, porque vivem no deserto e estão habituadas a passar dias inteiros sem comida e sem água, ou só com pequenas porções do valioso elemento, jámais foram filmadas e portanto as imagens sonoras dos torneios dos seus cavaleiros e das danças das mulheres dankalis, que acompanham sempre os seus maridos, constituem qualquer coisa de sensacional e raro em matéria cinematográfica e mesmo cultural.

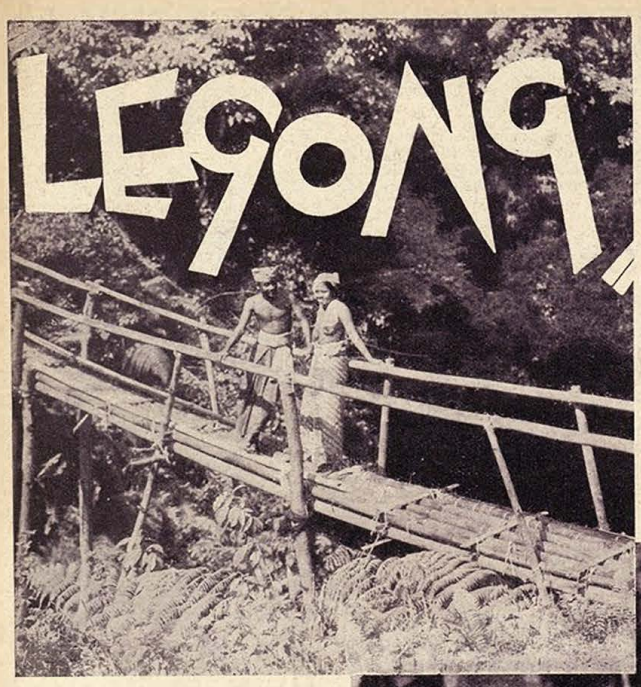
Graças a várias circunstâncias felizes, o Dr. Rikli conseguiu fixar tambem uma selecção de música original abissínia, que será aproveitada na adaptação musical do filme, que lhe dará portanto tôda a originalidade, além de constituir outro documento cultural de grande valor etnográfico.

Vê-se, portanto, que êste filme, ao contrário de outros filmes sôbre a Abissínia, manivelados há muitos anos sôbre película muda, constitui um documentário perfeito e completo sôbre êsse país, tanto mais quanto é certo que a modernização rápida das instituições, a que o Imperador vem dando o seu apoio, é, para o público moderno dos nossos cinemas, um atractivo que desperta a sua natural curiosidade para informar-se sobretudo o que se prende com o país que é hoje a origem e o centro de grandes acontecimentos internacionais.

DR. NICHOLAS KAUFMAN

Chefe do Departamento cultural da Ufa

Êste número foi visado pela Comissão de Censura



A dança das virgens

Soavam as marimbas.

A vegetação basta e gigante encobria um pouco o sol, que a espaços se mostrava, para tornar de novo a esgueirar-se atrás das núvens.

Mil perfumes embalsamavam o ar.

Era o dia das ofertas. No templo, comprimia-se a multidão, vinda de todos os pontos, para honrar os seus dêuses.

E as marimbas, ora brandas e doces, mais tarde ardentes e fogosas, voltavam a soar, vibrando estranha melodia.

As raparigas, de seios altivos, saltitando ao ar, corpos cingidos no pano de ramagens, ouviam contentes a música do templo.

Os olhos acarinhavam o artista, rapaz chegado há pouco do norte da ilha.

E Nyong, fazia vibrar mais as cordas, sentindo naqueles olhares o prémio do seu trabalho, gostando de ouvir os ecos repetirem baixinho, docemente, o cântico que êle erguia.

E Patú, a mais linda rapariga da ilha, corpo airoso e leve, a dobrar-se como serpente, ao ver Nyong, o músico divino, julgou-se feliz.

Com brandura trocaram um olhar. Nos olhos de Patú houvera um chamamento de amor. No coração da virgem nascera violenta paixão.

A melodia continuava branda e suave. O templo estava cheio.

Mas Patú, a formosa de Bali, apenas vla um músico agitar-se, ouvia um soar confuso, o grito do seu amor.

* * *

Era costume da ilha serem as mulheres a chamar os homens, quando a garra da paixão se lhes fincava no peito.

E Patú, nos seus olhares meigos e doces, mostrava querer Nyong.

Gousti Bagus, pai de Patú, resolveu chamar a si o músico, escolhido de sua filha, vivendo no coração da bela rapariga.

— Patú...

— Nyong... Sonho vivo do meu coração... Nos teus olhos quero ler a minha felicidade...

Sentiam-se adejar desejos sôbre a cabeça da virgem. E os seios erguidos altivamente, pareciam saltitar felizes, com o arfar agitado daquele peito lindo.

— Nyong... Sonho querido da minha vida... Doce luz dos meus olhos...

Corria-lhe branda a voz, a sussurrar caricias loucas, a construir encantos para o futuro.

Patú tinha os olhos meio fechados. E afogada no seu amor, não reparava que Nyong tinha o olhar frio, que a bôca dêle não dissera uma palavra.

E fugiam as núvens afastando chuvas, levando para longe o preságio de maus dias.

E a vida seguia. Saplak amando sem querer, dominada pela fôrça do amor roubado, via a irmã sonhar felicidade.

Mas, tristemente, enquanto Patú acarinhava o ar nos seus queixumes brandos:

«— Nyong... Doce amor da minha alma... alegria do meu sonhar...», os dois amantes vivivam o seu idilio:

— Meu amor... Saplak...

— Nyong... Meu sonho lindo...

* * *

Havia aromas no ar e o sol brilhava forte. Os bambús recortavam-se altivos, enormes, erguendo-se a prumo no ar.

Soavam cantos longinquos e a calma abafadiça chamava os corpos à água, as carnes frescas despidas para o rio as beijar.

Uma ponte de hambú atravessava o rio. A ramaria espessa das árvores cobria de agradável sombra a pequenina ponte.

E ali, juntando as mãos, Saplak e Nyong ouviam em silêncio o leve murmúrio das águas a correr.

— Amor...

Os olhos dela pediram meigas caricias. Então Nyong ergueu a voz:

— Nyong... Encanto do meu viver... Amor querido...

Ficava-se no ar a caricia da virgem, sentida, vibrante, perdidamente sincera...

* * *

Saplak, irmã de Patú, gostava de Nyong.

E na alma do músico, vivia também ardente amor por ela.

Era Saplak que Nyong ia ver. E enquanto Patú o amava, lhe erguia altares para adorá-lo no fundo da sua alma leal, teciam a seu lado o martirio do seu pobre coração ferido.

Enlevada nos sonhos, perdida no louco mar do seu amor, não vira Patú que a irmã queria a Nyong, e que os dois viviam o romance lindo que lhe pertencia.

* * *

Ia correndo o tempo docemente. O sol sempre arredio, gostava de esconder-se dias inteiros sob as núvens pardacentas, para depois brilhar altivo, cheio de luz, dominando o firmamento azul, limpido, sem mancha de núvem negra.

Dourava então as flores. E os insectos voejavam zunidores, de pétala em pétala, de flor em flor. E o rio próximo brilhava alegremente, correndo de mansinho para o mar.

Era mais linda a sombra; era mais limpo o ar.

— Escolhes bem, Nyong. Patú é a melhor rapariga de Bali...

— Mas eu quero Saplak.

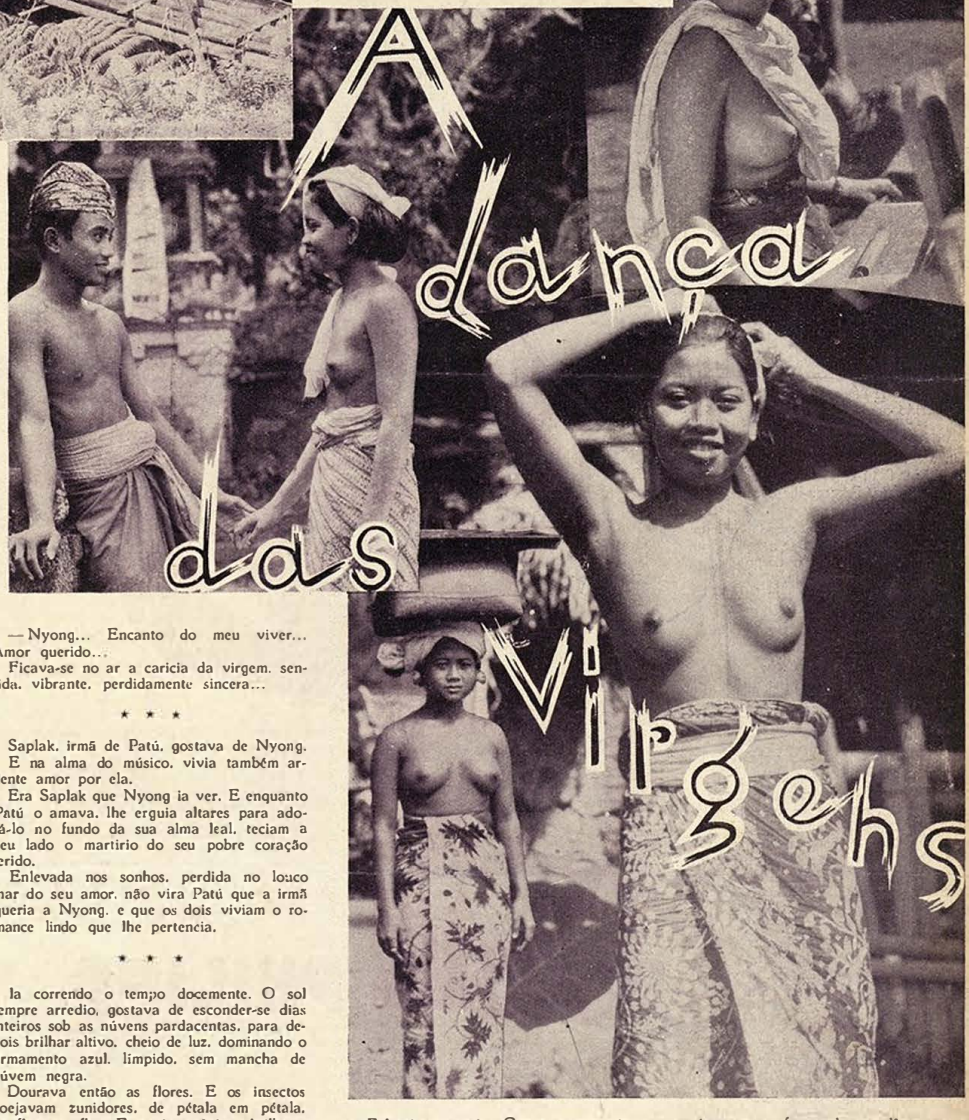
Turvaram-se os olhos do velho. Lembrou a Nyong que Patú ficava infamada, porque em Bali, a mulher regeitada merece desprêzo.

E lamentava a tristeza da filha, quando do templo começaram a ouvir-se os ecos das marimbas, anunciando o «legong», o bailado das virgens, que Patú ia dançar, despedindo-se da virgindade para o seu próximo casamento.

* * *

Correram ao templo. Patú, ao vê-los chegar, notou que Nyong propunha a Saplak fugirem juntos.

Caíram-lhe por terra os sonhos. E ao som da música, da melodia estranha que a excitava, o corpo de Patú desconjuntou-se har-



moniosamente, oferecendo aos dêuses os seus encantos.

Na bôca entreaberta parecia saltar-lhe um beijo de amor. Tôda a vida se lhe condensava nos lábios muito vermelhos, muito mo-

— Falarei a teu pai... Quero-te para mim... Partiram.

Gousti Bagus, ao ver entrar Nyong, ao ouvi-lo pedir-lhe uma filha, olhou-o alegremente.

a vida aventurosa de Victor Mac Laglen

(Continuação da página 7)

Uma imagem do grande filme Mascarada, *com Rodolfo Wolbruck, Olga Tschekowa e Paula Wessely*

Reconhecido, naturaliza-se americano e manda os seus dois filhos para as Universidades dos Estados Unidos.

Hoje é célebre — e tem dinheiro! Já lá vão os maus dias...

CORAÇÃO DE POMBA...

Tais são as múltiplas e incríveis aventuras de Victor Mac Laglen. Tem-nas estampadas no rosto, onde brilham uns olhos claros e vivos, enquadrados numas feições que parecem talhadas à faca, numa carne dura, qual madeira do Brasil.

Como tôdas as pessoas seguras da sua fôrça, Victor Mac Laglen é bom para os fracos. A sua «vila», em Faishaven, é o refúgio dos cães perdidos, dos gatos esfomeados, dos cavalos lazarentos... Gosta dos animais, com aquela ternura pueril, bem britânica. Tem em casa uma serpente e dois gansos, salvos numa caçada, e dedica particular afeição a uma cabra selvagem, que alimentou a «biberon».

Quando tem tempo disponível, instala-se no seu jardim, onde florescem as plantas mais diversas, 232 espécies vindas dos quatro cantos da Europa. A urze da Escócia figura num canteiro à parte, bem como as deliciosas ervilhas de cheiro inglesas. Mas vêem-se lá o lotus do Japão, as papoilas da Flandres, as rosas da Pérsia e as orquídeas javanesas. São homenagens dos longínquos admiradores de Mac Laglen, sabedores da sua paixão pelas flores. Algumas vedetas de Hollywood fizeram-se representar nesta colecção embalsamada por flores simbólicas. Citemos, como exemplo, Janet Gaynor, com um jasmim branco... Êste retiro favorito de Mac Laglen tem um nome adorável. Chama-se «O Jardim da Amizade».

Victor Mac Laglen! O seu brazão? Dois punhos e uma flor azul.

Victor Mac Laglen! Pugilista, pesquisador, atleta de feira, soldado, actor... e poeta!

---

lhados, e a respiração entrecortada mostrava-a sofrendo de desejos.

Num queixume a sua alma murmurava, brandamente:

«Amor... meu sonho lindo...
Deixa ficar agora abandonada,
A que te quere amante, apaixonada.
E mata o sonho lindo...

Amor... meu doce encanto...
Deixa ficar o corpo que te quis...
Deixa-me, morta um dia, ser feliz,
E mata o doce encanto...

Querido amor... adeus...
Foge de mim e diz-me com carinho,
Como eu te digo agora de baixinho:
Querido amor... adeus...»

Tinha acabado a dança; e loucamente, envergonhada, Patú correu à pontezinha a balouçar-se no rio. Pareceu-lhe ver Nyong na água, a chamá-la.

E supondo-se de novo amada, enlouquecida pela desilusão, lançou-se a beijá-lo arrebatadamente, entregando o corpo à carícia fria da água, que a possuia.

As árvores rumorejavam com leve aragem; pareciam lamentar Patú.

* * *

O corpo de Patú foi depois queimado. No templo, em pira luminosa, passou a cinza a formosa de Bali.

Gemiam no ar invocações para afastar os maus espíritos.

E a estátua linda, a carne sedosa e morena, a elegância frágil daquele corpo virgem, foi-se tornando cinza.

A pele ainda se agitou com a carícia lúbrica das chamas. Depois desapareceu.

As cinzas de Patú foram deitadas ao mar. O vento que se erguia ao pôr do sol, espalhou no ar aquela poeira virgem.

Choravam cantos no templo. O rio ia sorrindo pelas margens, afagando as plantas rasteiras. Parecia rezar também.

Sob a carícia rubra do sol, a vida despontava forte; os ruídos da natureza semelhavam preces.

A virgem não morreu.

A alma fiel de Patú adeja no ar, em busca dum corpo, para encontrar o amor que outrora lhe fugiu...

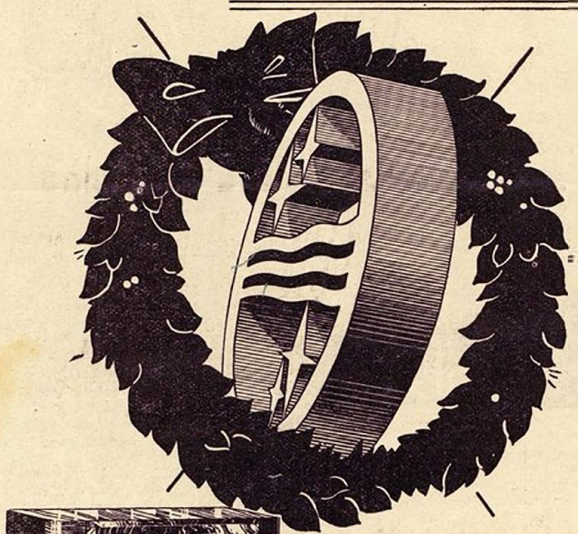
O sol morreu no mar. A noite caiu sangrenta, como as chamas que tinham queimado Patú.

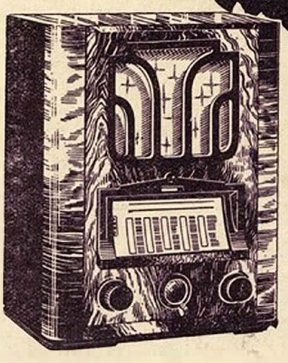
Na ilha silenciosa e calma, apenas o vento gemia, nos ramos das árvores gigantes...

ERNESTO COCHAT OSÓRIO

UM VENCEDOR!

I C 11





O emblema «*ondas e estrêlas*», aquêle que é sempre alvo de tôdas as honras.

É o símbolo do «*elemento invisível*» resultado de tôda a ciência e de tôdas as vantagens da organização mundial Philips.

O «*elemento invisível*» dos aparelhos Philips confere-lhes um maior valor, tornando-os melhores.

Assim, comprando um pôsto de T. S. F., exija o emblema onde se encontram as «*ondas e estrêlas*» — é o símbolo de uma qualidade inegualável

PHILIPS RADIO 535

A Pele Embranqueceu

3 Tons em 3 Dias

Paris inteiro fala dêste aparente milagre que é a beleza duma pele notàvelmente fresca e branca. O novo Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Côr Branca (não gorduroso) contém agora creme fresco e azeite predigeridos combinados com ingredientes adstringentes que embranquecem e tonificam. Penetrando instantâneamente, acalma a irritação das glândulas, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal modo que desaparecem, amacia a pele mais sêca e branqueia a mais escura — 3 tons em 3 dias. Dá à pele uma beleza nova e uma frescura indescritível, e isto de tal forma que não se poderia obter de maneira diversa. Empregue êste novo Creme Toaklon, Côr Branca, tôdas as manhãs, e veja os resultados.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

PÁGINA TEATRAL

PROLOGO

Uma página de teatro, numa revista de cinema, poderá parecer, à primeira vista, coisa descabida. Mas não é! E não, porque, por mais que certas pessoas, possivelmente na melhor das intenções, pretendam extremar campos, separando o teatro da Arte das Imagens, e pondo, entre ambos, o abismo das suas poderosas razões, nunca o poderão conseguir.

Artes diferentes? Certamente. Mas caminhando a par, talvez uma como continuação da outra, e, sobretudo, tendo, cada uma, motivos de atracção que à outra faltam.

Não cabem no curto espaço que destinámos a êste Prólogo, as inúmeras razões que poderíamos apresentar como justificação dêste pedaço de palco, aqui metido, na brancura do écran» de «Ciné-Jornal».

No entanto, bastaria a afirmação, de facto difícil de desmentir, de que a gente de teatro e a de cinema, é a mesma, salvo raras excepções, — para se justificarem, numa revista de cinema, algumas palavras semanais sôbre teatro.

No nosso país, mais do que em qualquer outro, o teatro e o cinema não dispensam numa estreita e mútua colaboração.

É no teatro que se teem, até hoje, encontrado os artistas que melhor acertaram no cinema. E, em tudo, entre nós, o teatro e o cinema andam ligados. Assim, é com a certeza de nos não tomarem por intrusos, que iniciamos, no «Cine-Jornal», esta página de «teatradas».

Vamos, pois, começar...

CAIXA DO PONTO

Orientação

Em tudo, na vida, é necessária a orientação. É uma palavra sóbria, que, por si só, quere dizer qualquer coisa, e que merece que se lhe dediquem algumas palavras.

Desde as nações aos indivíduos, a orientação é quási tão necessária como a vida. E por isso, em tudo, uma fôrça orientada toma um valor que, muitas vezes, só o orientador sabe a que atribuir.

Não podia o teatro, conseqüentemente, fugir à necessidade duma orientação.

E notam-se, e apontam-se a dedo, os teatros onde existe, onde marca, um orientador.

São poucos? Talvez. Mas é consolador fixarmos que alguns existem.

Uma das causas da desorientação, quási geral, é o facto de vermos certas peças colocadas em teatros onde estão completamente deslocadas.

Há teatros para tudo, em Lisboa. E se assim é, que necessidade haverá de trocar géneros de teatro, de sacrificar «elencos» e peças?

Entretanto, continua a mania de se chamarem populares a todos os teatros...

Crítica

É tão fácil criticar, não acham?

Sobretudo entre nós, onde, fazer crítica, é sinónimo de *dizer mal*. Demolir é agradável, encantador até.

E às mesas dos cafés, às esquinas das ruas, e até nos carros eléctricos, se faz *crítica teatral*, — no sentido vulgarizado da palavra.

Ora, sôbre crítica, queremos, também, expender uma modesta opinião: — Há, em Portugal, um «*Sindicato da Crítica*», que reüne no Teatro Nacional, e almoça, mensalmente, não sabemos aonde.

Para maior *independência*, êsse *Sindicato* convida, para os seus almoços, alguns artistas, e dêle fazem parte escritores de teatro!

Ora, demais a mais com tantas facilidades, não seria possível ao *Sindicato* conseguir que, no dia seguinte a uma estreia, as críticas não fôssem de molde a fazer o público maluco?

É que quando um jornal diz bem, o outro diz mal; um crítico diz que a peça não presta, outro acha-a sublime!

E o leitor acaba por só acreditar no anúncio, em que a Emprêsa diz que a peça é maravilhosa!

Seria fácil conseguir uma uniformidade de pontos de vista. Os críticos reüniam-se, para almoçar, no dia seguinte à *estreia* de qualquer peça. Trocavam brindes e impressões, e resolviam o que haviam de escrever.

Que tal? E até, para melhor imparcialidade, podiam convidar os autores, que, por coincidência, até podiam ser sócios do *Sindicato da Crítica*...

Luiza Satanela, no Garden-Party, *da* Sardinha Assada

Artistas que marcam

1

Maria Albertina

Não é uma artista vulgar, a Maria Albertina, que começou como cantadeira de fados, e iniciou agora, decididamente, uma rápida e triunfal ascensão na carreira teatral.

A primeira vez que trabalhou como artista, na revista «Vista Alegre», representada primeiro no Ginásio, depois no Maria Vitória, foi uma revelação. Dotada de excepcionais qualidades para o palco, Maria Albertina é, acima de tudo, dotada dum extraordinário poder de comunicação com o público. À sua entrada em cena nota-se um sussurro significativo. É o público que a conhece e que a acarinha.

Depois da sua estreia, Maria Albertina foi ao Brasil, onde conquistou a colónia portuguesa com a sua voz, a sua beleza, e a sua tão portuguesa maneira de representar. A simpatia que a cercava, demonstrou-se, exuberantemente, na noite da sua festa artística, que rendeu mais de cinqüenta contos, que a artista, num gesto lindo, entregou para a beneficência da colónia.

De regresso a Portugal, Maria Albertina entrou, no Trindade, nas revistas «Bola de Neve» e «O Rapa», e, depois, na «Sardinha Assada», em cena no Variedades, e onde é um dos principais atractivos.

Maria Albertina, que foi a cantadeira escolhida para o filme «A Canção de Lisboa», é das artistas que vivem do público e a quem o público quere vêr representar.

É êste o melhor e o mais justo elogio que se pode fazer à simpática e talentosa artista.

Ainda o caso de Jardel Jercolis...

Reflexões e irreflexões...

A nosso ver, só absolutamente à margem do teatro poderia ser tratado aquele infeliz assunto do empresário brasileiro Jardel Jercolis, que ora se exibe, mais a sua companhia, no teatro da Trindade.

Para tratar êste caso, felizmente sem precedentes nas nossas longas relações teatrais com o Brasil, não pode bastar o pouco espaço de que dispomos nesta secção.

A série de interrogações a formular seria tal, que poríamos Jardel na qualidade de réu e os espectadores daquela augusliada «première» transformados em jurados, perante uma extensa lista de quesitos...

— Será verdade que Jardel proferiu, no Rio, as palavras afrontosas que lhe atribuem?

— Mas, se não proferiu, porque não exigiu um desmentido formal e imediato, nas colunas do «Avante» e da «Batalha»?

— E se, de facto, as pronunciou, como teve o arrojo de cá voltar?

.....

E continuaria, até não sabemos onde, a lista das preguntas, Mas tudo, é claro, no campo das consciências, no âmbito absolutamente «nacional». Nós, «portugueses», não podíamos deixar de nos revoltar contra a ingratidão sem nome de Jardel — se êle, é claro, a cometeu.

Mas nós, espectadores da «première» da Trindade, não podíamos patear uma companhia, porque sôbre a conduta do seu dirigente, a nosso respeito, existem algumas dúvidas...

Jardel discursou, dizendo-se amigo dos portugueses e jurando que os jornais cariocas «Avante» e «Montanha» são «dois ignóbeis pasquins».

Esta afirmação de Jardel coloca o caso noutro campo, e de forma a ser arrumado, mais tarde, quando aquele empresário voltar ao Rio e aqueles dois jornais conversarem com êle sôbre o assunto...

Mas tudo isto — repetimos — é absolutamente à margem do teatro.

Dentro do campo estrictamente teatral, só nos desgosta a forma como o sr. Jercolis apresentou, entre nós, a sua primeira revista.

Como espectadores, ofenderam-nos mais os cenários velhos e os trapos do guarda-roupa, do que tôdas as frases — que nós, afinal, não sabemos bem se foram ou não pronunciadas...

R. S.

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRÁFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora L.da (em organização)

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio. 27
Telefone 2 1365 e 2 1227

Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números	1 anno	48$00
25 »	6 meses	24$00
12 »	3 meses	12$00
Estrangeiro e Colónias. 52 num.	1 ano	65$00

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 1 — 21 DE OUTUBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1$00

NESTE NUMERO: Um artigo sensacional sôbre BOCAGE